

SIMPÓSIO 52
ESTUDOS HISTÓRICOS
DO LÉXICO E LEXICOGRAFIA DO PORTUGUÊS

COORDENADORES

Maria Filomena Gonçalves
(Universidade de Évora/CIDEHUS-UÉ/FCT)

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
(UNESP/FCLAr)

O 'CAMPO DAS CORES' NO DICIONÁRIO HISTÓRICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL (SÉCS. XVI-XVIII)

Maria Filomena GONÇALVES¹

RESUMO

Neste artigo é apresentada uma amostra preliminar de uma investigação em curso sobre os nomes das cores ('cromónimos') e do 'campo das cores' no *DHPB – Dicionário Histórico do Português do Brasil* (séculos XVI-XVIII). A partir do Banco de Textos do DHPB, corpus que reúne documentos do período colonial no Brasil, realizou-se um levantamento de alguns nomes de cores atestados nessa base de dados mas também de muitas expressões ou combinações sintagmáticas por meio das quais são nomeados e descritos vários matizes cromáticos. Embora nos últimos anos se tenham registado estudos sobre o campo das cores na língua portuguesa, quer de um ponto de vista diacrónico, que de um ponto de vista sincrónico, o presente trabalho tem a originalidade de assentar num recorte de três séculos relevantes para a história do português e brasileiro. Por outro lado, a inclusão de muitos matizes ou gradações de várias cores, e não apenas dos cromónimos diretos, decorre do facto de ser necessário descrever realidades ou referentes desconhecidos a partir daquilo que o olhar europeu desconhecia ou conhecia mal. Daí o recurso a aproximações, comparações inusitadas que, visando pintar os referentes brasileiros – principalmente os animais e as plantas – perante os olhos dos europeus, revelam uma enorme criatividade linguística. Este é, na verdade, um dos grandes contributos do Banco de Textos do DHPB para o estudo dos nomes das cores, em português, entre os séculos XVI e XVIII.

PALAVRAS-CHAVE: Cromónimos; campo das cores; Dicionário Histórico; Língua Portuguesa; séculos XVI-XVIII.

Nota preliminar

Este trabalho baseia-se num corpus extraído do Banco de Textos do *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (séculos XVI a XVIII), projecto lexicográfico criado

¹ Universidade de Évora/Escola de Ciências Sociais/Departamento de Linguística e Literaturas; Colégio do Espírito Santo, Apartado 94, 7002-554a Évora, Portugal, mfg@uevora.pt.
Centro de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora - CIDEHUS-UÉ/FCT projeto UID/HIS/0057/2013. Palácio do Vimioso, 7001 Évora, Portugal, mfg@uevora.pt.

em 2005 pela Prof^a Maria Teresa Biderman e que, com financiamento do CNPq, no âmbito do programa Institutos do Milênio, foi desenvolvido no Laboratório de Lexicografia da UNESP/FCLAr, Brasil. Após o infausto desaparecimento da sua criadora, em 2008, a coordenação do projeto foi assegurada pela Prof^a Clotilde A. A. Murakawa, que o conduziu a bom porto, com a produção dos 12 vols. do DHPB (Biderman e Murakawa, 2012), que aguardam publicação para breve.

O DHPB (Murakawa, 2014) assenta num Banco de Textos que não é menos relevante do que o próprio Dicionário, visto reunir centenas de textos relativos ao Brasil no período colonial, incluindo os mais diversos géneros textuais e discursivos, produzidos entre de 1500, ano da *Carta de Pêro Vaz de Caminha* ao rei D. Manuel para relatar o “achamento” do Brasil, e 1808, data da chegada de D. João VI (1767-1808) a território brasileiro (Murakawa e Gonçalves, 2015). Com efeito, o corpus textual conhecido como “Banco de Textos I”² reúne documentos (manuscritos e impressos) referentes ao Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII, num total de 23.858 páginas digitalizadas e 7.492.472 ocorrências.

A partir deste Banco de Textos, e graças às facilidades de busca proporcionadas pelo programa *Philologic*, o objetivo deste trabalho é trazer dar notícia de um primeiro levantamento tanto de “cromónimos” como de expressões e combinações cromáticas, com vista a estudos posteriores sobre o sistema das cores num recorte de três séculos de diacronia lexical do Português.

1. Cromónimos: os nomes de cores no DHPB

Como unidade da área da lexicologia, o termo “cromónimo” foi criado para denominar uma unidade do léxico que se refere ao domínio da cor, seja esta básica ou não. A criação desta palavra fundou-se no facto de os nomes das cores serem um dos mais curiosos e complexos microssistemas lexicais em qualquer língua, já que, mais ainda que muitos outros campos, este campo traduz a estreita relação entre léxico, sociedade e cultura, razão porque nos últimos anos tem vindo a ser estudado sob vários pontos de vista, inclusive sob o prisma linguístico. De facto, por ser um fenómeno de

² Existe também um Banco de Textos II, o que permitirá engrossar o número de ocorrências. Porém, na fase actual, este Banco ainda não está preparado para a busca automática.

percepção sensorial, além dos óbvios aspectos físicos e fisiológicos, a cor envolve aspectos psicológicos e culturais que se refletem nos nomes atribuídos às cores percebidas pelos olhos e interpretadas pela mente humana.

Ora, se nomear de algum modo comporta sempre uma forma de definição, no caso da denominação das cores, essa afirmação aplica-se perfeitamente, porquanto a nomeação decorre não só da observação do real mas sobretudo do modo como este é captado, interpretado e, inclusive, metaforizado. Por isso mesmo, descrever e analisar o micro sistema das cores (i.e. o conjunto de nomes usados para denominar as cores, nomes esses que se inter-relacionam), supõe reunir e definir não apenas as unidades lexicais desse campo como também as 'nuances' percebidas e nomeadas para cada cor, vale dizer, as expressões ou locuções que traduzem aproximações ou metaforizações cromáticas (Mollard-Desfour, 2011:90).

Embora tenhamos já vários estudos relevantes acerca dos nomes das cores, quer para o Português Europeu – cf. Correia (2007), Silvestre *et al.* (2015) –, quer para o Português do Brasil – cf. Biderman *et al.* (2007), Zavaglia (2006, 2007), e Martins e Zavaglia (2013, 2014) –, no que diz respeito à perspectiva histórica ou diacrónica não são poucos os aspectos que continuam a carecer de uma investigação equivalente à que vem sendo realizada para o francês (Mollard-Desfour, 2008, 2011) ou o alemão (Jones, 2013), para apenas referir dois exemplos. Não obstante incluírem, como poderia deixar de ser, dados de natureza histórica, aqueles trabalhos não preenchem todas as lacunas existentes no que tange à diacronia do micro sistema das cores, nem tampouco oferecem respostas para a datação das expressões de cor ou, ainda, para o significado destas no contexto da cultura de séculos passados. Por isso mesmo, repertoriar os nomes das cores e as expressões cromáticas num corpus histórico, será seguramente o principal contributo deste trabalho, uma vez que a maioria dos estudos não assenta em corpora desta natureza.

A partir do “Banco de Textos I” extraiu-se uma amostra daquilo que, segundo Mollard-Desfour (2011:90), se chama “nomes directos” (i.e. cromónimos propriamente ditos), desde a sua origem criados para nomear cores ou percebidos na actualidade como tal, e, ainda, os chamados “nomes indirectos” ou “referenciais”, os quais, em linha com a mesma autora, constituem as “dénominations créées métaphoriquement par analogie avec des référents d'origine très variée” (Mollard-Desfour, 2011:90).

Por outro lado, importa salientar que no Banco de Textos alvo de pesquisa, e em concordância com a observação de Martins e Zavaglia (2013), a fauna e a flora são os

domínios em que, com efeito, mais se verifica uma elevada frequência de nomes de cores, ainda que não sejam os únicos campos em que a referência cromática coopera de maneira relevante na descrição de realidades próprias do Brasil. Como é evidente, estas descrições visavam apresentar aos olhos do leitor, com todo o pormenor, referentes que, por serem desconhecidos dos europeus, convinha “pintar” fazendo apelo a todas as dimensões sensoriais, o que não raro acontecia por meio de comparações entre as características físicas dos referentes desconhecidos e as de referentes conhecidos, processo que em lexicografia se designa como “definição por género próximo”. No contexto de descrição da natureza, a cor constituía, como é evidente, um elemento imprescindível; porém, não bastavam as chamadas “cores básicas”,³ motivo por que os autores dos textos se socorriam de analogias, comparações e metáforas capazes de transmitir matizes cromáticos, alguns dos quais soarão estranhos ou curiosos aos ouvidos de um leitor/falante actual, conquanto seguramente fossem entendíveis pelos leitores a que se destinavam nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Na impossibilidade de se apresentar aqui o inventário geral dos cromónimos registados no DHPB e, ainda, como era objectivo deste trabalho, as expressões que incluem cada nome de cor, a amostra⁴ aqui exposta e comentada reteve unicamente as cores vermelho/encarnado, verde e azul e alguns dos seus derivados, e bem assim algumas expressões cromáticas, deixando de remissa, para futuros trabalhos, quer a apresentação quer a análise de todos os nomes de cor (e respectivos derivados) compulsados a partir do Banco de Textos.

1.1. Cromónimos directos no DHPB

O nome “vermelho” (do Lat. VERMICULUS “verme pequeno”, dim. de vermis, is), cujo registo remonta ao século XIII (Houaiss, 2001), regista 492 ocorrências no

3 Não é objectivo deste trabalho fazer uma revisão da literatura sobre as chamadas cores básicas ou primárias e as secundárias à luz dos modelos conhecidos como “RGB” (“red, green, blue”), baseado na teoria das cores de Leonardo da Vinci, e o “CMYK”. Salienta-se apenas que as primeiras, como o nome indica, e ao contrário das segundas, são as que não se obtêm a partir da combinação de outras.

4 Para maior facilidade de identificação, os exemplos extraídos do corpus são encabeçados pelo autor (quando é conhecido), título e datação do documento. Todos os trechos são transcritos segundo a forma (gráfica) que apresentam na base textual. Onde foi necessário, apenas foram introduzidos parênteses rectos para assinalar o corte feito no início, no meio ou no final de um exemplo. Em cada trecho, o nome de cor ou a expressão cromática foi destacado em negrito.

Banco de Textos do DHPB, aparecendo em documentos dos três séculos abrangidos pelo Dicionário Histórico do Português do Brasil.

1) PERO VAZ DE CAMINHA. *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* 1500

[...] soamente deulhes huũ barete **vermelho** e huũa carapuça de linho que leuaua na cabeça e huũ sombreiro preto. E huũ deles lhe deu huũ [...] huũ sombreiro de penas daues compridas cõ huũa copezinha pequena de penas **vermelhas epardas** coma de papagayo e outro lhe deu huũ [...].

No corpus registam-se vários matizes cromáticos relativos a “vermelho”, como se vê nas combinações sintagmáticas seguintes: “vermelho muito vivo”, “vermelho escuro”, “vermelho tostado”, “vermelho adusto”, “vermelho mais retinto”, “tirante a vermelho”, tirante a vermelho claras” (i.e. vermelho claro):

2) FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO PRIMEIRO - PERNAMBUCO CONQUISTADO / CAP. XI — MOSTRA-SE QUE A COR VERMELHA DOS ÍNDIOS DO BRASIL, NÃO CONSTITUE DIVERSA CASTA. N. 148.*

Perguntados pela razão de não conservarem as cores, que terão seos ascendentes, para terem elles hũa cor quasi **vermelho tostado**, respondem que a mudança da sua cor procedeo do demasiado calor que fere suas carnes, e fallão conforme a Philosophia, e experiencia, por que querem alguns Philosophos, que a cor branca proceda [...]⁵.

(3) FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO PRIMEIRO - PERNAMBUCO CONQUISTADO / CAP. XI — MOSTRA-SE QUE A COR VERMELHA DOS ÍNDIOS DO BRASIL, NÃO CONSTITUE DIVERSA CASTA. N. 148.*

[...] Aquelle primeiro homem, ou homens, que no Brazil, começou a receber em suas carnes sem defença o calor do Sol, pela continuação do tempo ficaria certamente **vermelho adusto**, como a experiencia nos está todos os dias mostrando nos que andam muito expostos ao calor do sol, estes forão adquirindo em si, e em seos descendentes hum temperamento mais calido, que dantes, e suposto [...].

→ PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PORTE SEGUNDA - CAP. 1º - NOTÍCIA GERAL DOS ÍNDIOS SEUS NATURAES E DE ALGUMAS NOÇÕES EM PARTICULAR DA SUA VIDA COSTUMES, E DAS COUSAS MAIS NOTÁVEIS DA SUA RUSTICIDADE* [...].

5 Note-se que este exemplo serve igualmente para atestar a ocorrência do nome de cor “branca”.

São **avermelhados**, ou entre brancos, e vermelhos; mas um **vermelho escuro, baço**, e tismados do sol, bem como os timorés, que em tudo são vivo retrato dos tapuias, e como eles **chamuscados** pelo monarca das luzes, que a uns, e outros se avizinha quase igualmente [...].

→ PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS - TRATADO TERCEIRO - DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA - CAP. 1º - DOS MAIS PRECIOSOS PAOS DO GRANDE RIO AMAZONAS

[...] porque uns tem malhas pretas em campo amarelo, outros máculas pretas em campo **vermelho**: uns tem campo pardo com malhas de diversidade pretas, amarelas, **vermelhas** etc. Nestas mesmas espécies há mui vária diversidade, e variedade diversa; porque uns tem o amarelo do seu campo mais claro, outros mais escuro: em uns o **vermelho é mais retinto**, em outros é amarelado; e da mesma sorte há diversidade de malhas diferentes, não só pela específica diferença de cores; mas também por mais ou menos vivas, e por serem maiores, ou menores [...].⁶

→ BERNARDINO ANTÔNIO GOMES (1972 - EDIÇÃO ANASTÁTICA DE 1809) [1798], DA COLHEITA DA CANELLA

[...] imediatamente a este encontra-se outro, tenro, de cor verde, que se vê quasi nu nas extremidades dos ramos: segue-se logo outro amarello, **tirante a vermelho**, e lenhoso, mais crasso, e mais fragil no tronco, mais fibroso nos antigos ramos [...].

→ FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO (1971) [1782], VASSOURINHA

[...]. Esta vassourinha pois, hé huma erva frequente pelos suburbios dos povos, e mesmo pelos cantos das ruas; ella hé muito enriquecida de miudas folhas, e quazi sempre de flores pouco preceptiveis á vista, e de miudissimas sementes. As suas flores vistas com o microspio se percebem tetrapetalas, e brancas **tirante a vermelho claras**.

Ao mesmo campo cromático pertence o derivado “avermelhado” (cf. acima “avermelhados” exemplo 4), cuja forma feminina, no corpus do DHPB, tem uma 1ª atestação em 1653, ao passo que a masculina, registada numa relação de viagem feita por D. António Rolim, é de 1751.

6 Este trecho serve também e ilustração do registo de outros nomes de cor: verde, amarelo.

→ DOMINGOS VANDELLI. *MEMORIA SOBRE AS MINAS DE OURO* [...]. 1653

A matriz das ditas minas hé huma terra ocracea amarela com alguns pequenos calhaos de ferro, ou **avermelhada**, e as vezes comglutinada com ferro.

De “vermelho”, cromónimo directo, forma-se o aumentativo “vermelhão”, designação do “sulfato de mercúrio pulverizado, usado na fabricação de tinta” (Houaiss, 2001), que possui um vermelho intenso e, por extensão, passou a denominar esta cor.

→ PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE PRIMEIRA - CAP. 18º - DA SUA CAÇA ALTÍLIA*

[...]. Será do tamanho, ou pouco maior, que ãa perdiz; mas a sua maior galantaria está nas suas penas, e bico. As penas do seu papo, pescoço, e cabeça levam vantagem às lindas cores das mais ricas galas; porque são um amarelo salpicado de **vermelho** tão vivo, que não há jalde⁷, nem **vermelhão**, que lhe chegue: e a mais própria semilhança para o explicar é a cor do ouro esmaltado. Por isso são muito buscados os seus papos pelos mercadores, que com eles ornam os seus coletes, e peitinhos mais, que com preciosas gemas, e diamantes. [...].

No mesmo campo cromático de vermelho inclui-se “encarnado”, cujo étimo é INCARNATUS, A, UM, participio passado de INCARNARE (‘converter-ser em carne’. Houaiss, 2001). Segundo Houaiss (2001), tal como “vermelho”, “encarnado” remontaria ao século XIII. Como é sabido, atualmente este cromónimo não é usado no Português do Brasil, no qual “vermelho” é a denominação geral, e no Português Europeu, sendo embora semanticamente equivalente, recebe marcação regional ou social. No entanto, “encarnado” regista 25 ocorrências no Banco de Textos do DHPB e a forma feminina – “encarnada” – tem 52, sempre como equivalente de vermelho, conforme mostram os exemplos seguintes.

→ PADRE FERNÃO CARDIM. *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO*

[...].1583 [...]. vermelhos que chamam Guará, [...].dos formosos desta terra, os quaes são como pegas: os bicos são de um bom palmo, e na ponta revoltos, e têm mui compridas pernas: nascem estes passaros pretos, e depois se fazem pardos, depois brancos, quarto loco ficam de um **encarnado** gracioso quinto loco ficam **vermelhos** mais que grã, e nesta formosissima côr permanecem.

⁷ “Jalde” é também um nome de cor. Parece provir de “jalne” (do fr. ant. “jalne”, i.e. 'da cor do ouro, amarelo' que, por sua vez, provém do lat. *galbînus, a, um* 'de verde-pálido ou amarelo '). Em Houaiss (2001), tem 1608 como datação, sendo ali definido como “a cor do amarelo-ouro ou tirante a ela”.

→ LUIS GOMES FERREIRA. *DOS SEGREDOS, OU REMEDIOS* [...]. 1735 [...]. puzlhe hum pedaço de cafcço de cabaço, limpo por dentro, e por fóra, forrado com tafeté **encarnado**, e feguro, bem jufto com as paredes dos offos em redondo...

Apesar de também estarem registadas outras denominações pertencentes ao espectro do vermelho – é o caso de “púrpura” e “roxo”⁸ –, esta amostra não as inclui.

Quanto a “verde”, este nome regista 25 ocorrências no singular e outras 25 no plural. Vejam-se os exemplos seguintes:

→ PERO VAZ DE CAMINHA. *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA 1500* [...]. dise ele que nõ vira la antre eles se nõ huías choupanjnhas de rrama **verde** e de feeitos mujto grandes coma damtre doiro e mjnho e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute adormjr [...].

→ BRÁS CUBAS. *CARTA DE BRÁS CUBAS, PROVIDOR* [...]. **1562** He a yso mamdo hum braguantim a Bahia per que lh'escrevo as novas deste ouro pera nyso ver ho que lhe parece mais serviço de Vossa Alteza ho prover ou m'escrever que o faça. Nas minhas terras achey hūas pedras **verdes** que parecem esmeraldas muito fremosas não ousey mamda las por este navio a Vossa Alteza por as não aventurar em tão fraqua pasagem.

No tocante às variações cromáticas no espectro de verde, no corpus foi localizada a expressão “tirante a verde” – que inclusive pode ser objecto de “nuance” cromática (cf. exemplo 15)

→ FRANCISCO ANTÔNIO [...]. *PINHÃO 1782*
As flores são brancas, **tirante a verdes**, compridinhas sem formalidade, que se asemelhe a outras flores, porem sim a tallos: em cada pediculo lança duas frutas, como se vê na figura; em (aa) são verdes ambas; em (b) hé huma sazoadada; em (c) hé huma seca.

→ FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO (1971) [1782], *CAFÉ*
As flores sam brancas **tirante a verde claro** como se vê na fig. 3 na sua propria grandeza.

As gradações de verde são denominadas mediante adjectivos como claro, escuro, procedimento que produziu compostos existentes até hoje na língua portuguesa.

→ GABRIEL SOARES DE [...]. *DAS HERVAS MEDICINAIS (PARTE...* [1587].) A arvore que faz esta herva é como a do alecrim, e tem a folha molle, e a côr **verde claro como alface**.

8 Provém do lat. RUSSEU - 'vermelho escuro'. De acordo com Houaiss (2001), é diacronismo que nomeava o que tinha uma “cor avermelhada”.

A necessidade de descrever os referentes em pormenor leva ao estabelecimento de muitos matizes cromáticos que incluem aproximações com referentes conhecidos dos leitores (cf. supra exemplo 16), tal como pode observar-se no trecho seguinte, extraído de um texto de 1757, em que a gradação é marcada por meio de um gerúndio “atirando para”:

→ PE. JOÃO DANIEL (1776) [1757], *PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS*

É muito viçoso este tajá; a sua cor é **verde claro atirando para cinzento**.

No caso de “verde-escuro”, outro nome composto, com 11 ocorrências no corpus, não localizámos quaisquer formas de gradação por analogia com outra cor.

Veja-se o exemplo:

→ GABRIEL SOARES DE[...]. *DA AGRICULTURA DA BAHIA 1587*
[...].ellas, e a arvore que é macho não dá fruto e é mui ramalhuda do meio para cima, e as folhas são de côr **verde escuro** [...].

Ao campo cromático de verde pertence igualmente o adjetivo “esverdeado” ‘que tem ou se apresenta com cor tirante a verde ou que a ele se assemelha; verdacho’ (Houaiss, 2001), do participípio do verbo derivado de verde (“esverdear” ‘dar ou tomar cor verde ou semelhante a verde’). Com efeito, a forma participial, se bem que com prefixo distinto, está na base de outras denominações cromáticas (por ex. Amarelado,⁹ (a)laranjado,¹⁰ acastanhado,¹¹ acinzentado,¹² apretado¹³). O que importa aqui assinalar é que, graças ao corpus do DHPB, será possível retrodatar a unidade “esverdeado”, que em Houaiss (2001) – baseado por sua vez no lexicógrafo Solano Constâncio – tem 1836 como 1ª datação, mas no corpus em apreço aparece já num documento de 1801.

→ FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1801) [1801], *QUEIJO*

O bom queijo de Roquefort deve ser fresco, d'hum sabor doce, agradável, **esverdeado**; quero dizer, semeado de veias azuladas pelo seu interior. A sua

9 Em Houaiss (2001), tem datação de 1651. Porém, no nosso corpus a forma feminina “amarelada” ocorre em 1625, ao passo que a masculina tem registo em documento de 1653.

10 No corpus encontra-se “laranjado” em documento de Fernão Cardim, de 1585: “Tangará. Este he do tamanho de um pardal: todo preto, a cabeça tem de hum amarello **laranjado** muito fino [...]”. De acordo com Houaiss (2001), “alaranjado” estará atestado desde 1516.

11 Nem esta unidade nem a seguinte – “acastanhado” – se regista no Banco de Textos. Em Houaiss, acastanhado recebe 1783 como 1ª datação.

12 Em Houaiss (2001), esta forma tem 1851 como 1ª datação.

13 Esta forma está registada no Corpus do DHPB em texto do Pe. João Daniel, de 1757, conforme mostra o exemplo: “Tem a dureza, fortidão, e solidez do pinima; e resiste a todo o temporal por séculos, e sempre muito inteiro: é **apretado** com pintura vermelha tirante a roxa por modo de ondas”.

grosseira depende da forma, em que se fazem. Vai d'huma pollegada a mais d'hum pé, e seu peso de 2 a 40 arrateis.

Por sua vez, a forma feminina – “esverdeada” –, com 3 ocorrências no corpus, aparece num texto de 1583, do Padre Fernão Cardim.

→ PADRE FERNÃO CARDIM. *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO...*
1583

[...] cobra do mau tempo ou da tempestade, que assim chamavam os índios uma serpente aquática, **esverdeada** e de cabeça escura [...].

No Banco de Textos regista-se ainda uma ocorrência do derivado “verdoengo” (b. lat. verdorencu) (NASCENTES, 1932: 811), que significa “coloração esverdeada; verdoso”. Segundo Houaiss, que lhe atribui marcação de “regionalismo brasileiro” no uso actual, esta palavra estaria já atestada no século XV. Embora “verdoengo” apareça, no nosso corpus, num texto de 1801, a forma feminina é bem mais antiga, pois ocorre diversas vezes num texto de 1587, de Gabriel Soares de Sousa.

→ GABRIEL SOARES DE [...]. *DAS ÁRVORES E PLANTAS INDIGENAS*. [...]. 1587

Quando cortam esta arvore, lança de si um leite muito alvo e pegajoso, que lhe corre em fio; a qual dá umas frutas do mesmo nome, redondas, com os pés compridos e côr **verdoenga**, e são tamanhas como maçãs pequenas; e quando são verdes travam muito, e são todas cheias de leite.

Também se regista no corpus o adjectivo “verdeal” ('de cor esverdeada'), mas neste caso como denominação de um fruto que se distingue pela sua cor particular (i.e. o pero de cor esverdeada existente em Portugal). Esta ocorrência de verdeal é de 1782, embora o plural “verdiais” (variante de “verdaes”) apareça em texto de 1627.

→ FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO PRIMEIRO EM QUE SE TRATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL. COSTUMES DOS NATURAES, AVES, PEIXES, ANIMAES & DO MESMO BRASIL - CAPITULO SEXTO - DAS ARVORES AGRESTES DO BRASIL* [...].

Os cajueiros dão a fructa chamada cajús, que são como **verdiais**, mas de mais summo, os quaes se colhem no mez de Dezembro em muita quantidade, e os estimão tanto, que aquelle mez não querem outro mantimento, bebida ou regalo, porque elles lhes servem de fructa, o summo de vinho, e de pão lhes servem humas castanhas, que vem pegadas a es(ta) fructa,

Das três cores básicas contempladas no chamado “modelo RGB”, falta ainda exemplificar as ocorrências e as combinações associadas à expressão cromática do espectro do azul. Esta palavra tem origem, como é sabido, em étimo de origem árabe, estando atestada, segundo Houaiss (2001), desde o século XIII. No Banco de Textos do

DHPB, “azul” tem 239 ocorrências, nas quais se detectam combinações que servem para designar várias gradações de azul.

Vejam-se a seguir exemplos de “azul”, “azul claro”, “azul muito vivo”:

→ PADRE FERNÃO CARDIM. *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO...*
1587

Os mordomos são os principaes e mais virtuosos; têm sua mesa na igreja com seu panno, e elles trazem suas opas de baeta ou outro panno vermelho, branco e **azul**; servem de visitar os enfermos, ajudar a enterrar os mortos, e ás missas [...].

→ PE. JOÃO DANIEL. *PARTE PRIMEIRA - CAP. 18º* **1757**

É de cor toda azul, mas um **azul muito vivo**, muito claro, e lindo, especialmente quando nova, ou enquanto não lhe caem as penas.

→ PADRE FERNÃO CARDIM. *I - DO CLIMA E TERRA DO BRASIL -*
1583

Este passaro he dos mais estimados da terra, não pelo canto, mas pela formosura da penna; são **d'azul claro** em parte, e escuro, e todo o peito roxo finissimo, e as azas quazi pretas, são tão estimadas, que os indios os esfolião, e dão duas e três pessoas por huma pelle delles, e com as penas fazem esmaltes, diademas, e outras galantarias.

→ PE. JOÃO DANIEL. *PARTE PRIMEIRA - CAP. 17º -* **1757**

Além das referidas espécies, há marrecas, em cuja espécie se incluem muitas outras, que só diferem na cor, posto que quase todas são **azul escuro**, com as pontas das asas brancas; e no mais, ou menos branco, e azul está ordinariamente a sua diversidade.

“Azul-ferrete” é outra das denominações atestadas no corpus textual do DHPB. De acordo com Houaiss (2001), este nome composto corresponde a um 'tom muito fechado de azul, quase negro'. Contudo, Houaiss não nos oferece qualquer datação para esta unidade que poderá receber, graças a este corpus, uma primeira datação (1725).

→ FRAN.co DA CRUZ. *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS...* 1725

[...]. e amarello e cor de ouro e **azuís feretes** setos forem asim melhor, 139 tanto estes como os finos sejam de aba grandes 1 duzia de cabeleiras a todos humas de grizalha clara e outras ditas escuras algumas meias peças de pano entrefinos e escuros e azul ferete 8 peças de baregana de França **azul ferete** e

cor de pecotilho pois se gastão bem 6 duzias de meias de seda p.a molheres encarnadas e azuis e cor de ouro 100 pares de sapatos [...].

Fica igualmente registada a cor “azul anilada” (“anilada, der. “anil”),

→ GABRIEL SOARES DE... . *DA AGRICULTURA DA BAHIA - (PARTE... 1587*

[...].ha outras batatas que são roxas ao longo da casca e brancas por dentro; ha outras que são todas encarnadas e mui gostosas; ha outras que são côr **azul anilada** muito fina, as quaes tingem as mãos; ha outras verdoengas muito doces e saborosas; e ha outra casta, de côr almecegada, mui saborosas[...].

Em texto de 1789, verificou-se igualmente a ocorrência da combinação “azul celeste”:

→ HENRIQUE JOÃO [...]. *MUHURADA OU O TRIUMFO DA FÉ* [...].

[...] De **azul celeste** veste os firmamentos; O Zefiro mais brando, sendo o Vento. Efeitos naturaes, ja são portentos; Não ha na Omnipotencia, o violento. Chega aos Povos, navéga pelos Rios Muhura feliz, sem susto, e sem desvios [...].

Ficam igualmente atestados os derivados “azulado, a”, consoante mostram os exemplos abaixo, sendo que o masculino ocorre em texto de 1726 e a forma feminina tem registo em documento de 1587, se bem que Houaiss aponte 1500 como primeira datação:

→ FRAN.co DA CRUZ. *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS* [...] **1726**

[...] mais de huma duzia de vezes mo adevertice o ministro pois hera vergonha ver me o meu de pano **azulado** por quanto todas as costas da cazaqua o tinha esboracado das negregadas baratas, q. iço he sem numero, e tão desaventuradas q. couza de pano não escapa, esta he a cauza [...].

→ GABRIEL SOARES DE... . *DA AGRICULTURA DA BAHIA - (1587*

Tucanos são outras aves do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas **azulada**, a das azas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxel muito miudo de finíssimo amarello, o qual os indios esfolam para forro de carapuças.

Por outro lado, regista-se ainda “azulão”, mas neste caso como nome de uma ave que se caracteriza por ter plumagem com ‘tom forte de azul’ (Houaiss, 2001). No corpus esta unidade ocorre em documento de 1782, mas em Houaiss não está datada:

(31) FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO (1971) [1782], *CARDEAL*

Eu vejo: Cardeal, passero com a grandeza do **azulão**, bico grosso com a mandíbula superior negra, o apice hum pouco adunco, a inferior alva; cauda extensa; pernas, e pes calvos; unhas grandes, curvadas, agudas.

1.2. Expressões cromáticas analógicas/metafóricas

Tal como referido em 1., na impossibilidade de ilustrarmos a riqueza de todo o sistema de nomes de cores, destacaremos apenas alguns casos curiosos de cromónimos indirectos, resultantes de processos de analogia ou metáfora e com os quais certamente o falante actual está menos familiarizado.

É caso de cor “almecegada”, em que o adjectivo (participial) deriva de “almécega”, que designa 'uma resina amarela e aromática'. Segundo Houaiss (2001), “almécega” remonta ao século XIV e “almecegado” tem registo em 1562. No corpus do DHPB, quer a forma masculina, quer a feminina (almecegada) ocorrem unicamente em textos de Gabriel Soares de Sousa, de 1587.

(32) GABRIEL SOARES DE [...] *DA AGRICULTURA DA BAHIA* 1587

Cada pacoba d'estas tem um palmo de comprido e a grossura de um pepino, ás quaes tiram as cascas, que são de grossura das favas; e fica-lhe o miolo inteiro **almecegado**, muito saboroso.

(33) GABRIEL SOARES DE [...] *DA AGRICULTURA DA BAHIA* 1587

Plantam os Portuguezes este milho para manutenção dos cavallos, e criação das gallinhas e cabras, ovelhas e porcos; e aos negros de Guiné o dão por fruta, os quaes o não querem por mantimento sendo o melhor da sua terra; a côr geral d'este milho é branca; ha outro **almecegada**, outro preto, outro vermelho. e todo se planta á mão, e tem uma mesma qualidade.

Como é sabido, a analogia ou a comparação com um referente que possui determinada característica cromática é um dos processos de denominação de cores, o que vem enriquecer e avolumar as possibilidades de expressão linguística da cor, uma vez que os espectros se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo. Para lá dos cromónimos e dos matizes a eles associadas na amostra acima, entendeu-se incluir nesta secção outras expressões que traduzem bem não só a capacidade perceptiva da cor como também os recursos para nomear cores (ou matizes de cores) num recorte de três séculos de história da língua.

Tal como nos casos de vermelho, verde e azul, não se pretende trazer aqui um inventário exaustivo. Vejam-se os casos seguintes.

(34) Cor de rosmaninho

PADRE FERNÃO CARDIM. *I - DO CLIMA E TERRA DO BRASIL 1587*

Este papagaio he formosissimo, e nelle se achão quasi todas as côres em grande perfeição, sc, vermelho, verde, amarello, preto, azul, pardo, **côr de rosmaninho**, e de todas estas cores têm o corpo salpicado, e espargido.

(35) Cor de figado

ANDRÉ JOÃO ANTONIL. *TERCEIRA PARTE - PELAS MINAS...* 1711

A pedra he de varias cores, differente das outras, & muy alegre: branca, negra, a modo de maracaxeta que fe lança nas cartas, cor de ouro, amarella, azul, efverdeada, parda, de **cor de figado**, laranjada, leonada...

(36) Cor de toucinho

LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], DOS SEGREDOS, OU REMEDIOS PARTICULARES, QUE O AUTOR FAZ MANIFE/LOS PARA UTILIDADE DO BEM COMMUM.

[...] faõ como puftulas,ou boftellas, com fua cafca por fima, e faõ a modo de atoucinhadas, ou **cor de toucinho**, quando fe lhe tira a cafca de fima [...].

(37) Cor de canela

ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [VII]. NOTICIA DE VARJOS ANIMAES QUADRUPEDES Q' HÁ NO BELAZIL, COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTCAS DE CADA HUM DELES, Q' SE TEM CONHECIDO

Há outros maiores do q' os Micos, quasi amarelados ou **cor de canela**, com os olhos como de gata [...].

(38) Cor de gesso

FR.JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1762], VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ.

Navegando pelo Tapacorá em distancia de quatro leguas se vê misturar com as suas aguas as de um rio branco ou de **cor de gesso**, depois de correrem ambos emparelhados ou paralelos. [...].

(39) Cor de "pecotilho"¹⁴

14 Deve sr uma variante de "picotilho", isto é, um pano feito de pelo de cabra,"menos grosso que o picote". De acordo com Houaiss (2001), "picotilho" está atestado desde 1789, no Dicionário de Morais Silva.

FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS

[...]. 8 peças de baregana de França azul ferete e **cor de pecotilho** pois se gastão bem 6 duzias de meias de seda p.a mulheres encarnadas e azuis e cor de ouro [...].

(40) Cor de tijolo

FRAN.co DA CRUZ. *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS...* 1728

[...]. vestido de pano **cor de tijolo** caziado de fio de prata e vestia de seda de ramos de ouro e meias de seda da mesma cor [...].

(41) Cor de defunto

JOSEPH BARBOZA DE... . I- JOSEPH BARBOZA DE SÁ... 1775

[...].ficaraó opillados alguns e outros hydropicos e todos em geral com pernas e barigas inxadas e as **cores de defuntos** tudo cauzado do pouco e fraco sustento e vicio da terra [...].

(42) Cor de linho/ Cor de de poplo

. FREI CRISTOVÃO DE... . *REPRODUÇÃO DO ÍNDICE ORIGINAL...*

1625

[...] .tem a frol em feição de campainha ele tem as folhas gramdes e a campainha de **cor de linho raiada** de **cor de poplo** [...].

(43) Cor da tinta sinopla

PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE PRIMEIRA - CAP. 18º - DA SUA CAÇA ALTÍLIA

A cururina, que é a oitava e ínfima espécie é do tamanho das nossas perdizes, a proporção dela é o seu ovo, cuja casca por fora é da **cor da tinta sinopla**¹⁵, que é roxo bem vivo [...].

(44) Cor de tabaco de tabaco (castelhano)

PE. JOÃO DANIEL. *PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA...* 1757

Do cozimento das arecas praesertim verdes com mistura de outros ingredientes se faz ãa tinta da **cor de tabaco castelhano**, que é de muita dura, e tem sua estimação.

(45) Cor de chá

LUIZ DOS SANTOS...*CARTA VIGESIMA TERCEIRA...* 1801

15 Em Houaiss (2001), “sinopla”, variante de “sinople” com atestação desde 1615, é a denominação de uma “cor vermelha, ocre”. Houaiss regista, ainda, preto e verde como equivalentes de “sinople”. No domínio da heráldica é, segundo o mesmo Dicionário a “cor negra, o negro [Na heráldica francesa, a cor verde.]”. “Sinople”, por sua vez, foi registada em 1720 por Rafael Bluteau.

Da Fazenda do Coronel ao Sincorá distão sette 7 legoas ao sitio do Carvalho, e são hua do riacho das das duas barras, cuja agoa he da **cor de chá** [...].

NOTA FINAL

Com este trabalho não se pretendeu inventariar exaustivamente nem analisar o campo das cores, mas apenas ilustrar o registo de cromónimos e de expressões cromáticas no Banco de Textos em que se baseia o *Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI-XVIII)*. Pese embora tratar-se de uma primeira amostra, restringida a três cores e a algumas expressões, os 45 exemplos dela extraídos, além de serem reveladores da riqueza do corpus textual do DHPB, deixam igualmente entrever os muitos contributos que um corpus histórico como este poderá trazer para o estudo diacrónico do campo das cores.

Por outro lado, não menos claro terá ficado que, sem recurso a um corpus textual extenso e diversificado, não é possível recensear as expressões referentes a matizes que, junto com os cromónimos directos, completam o espectro cromático historicamente registado, uma vez que o corpus permite abonar e contextualizar quer as unidades quer as expressões cromáticas, na sua relação com os dados sociais e culturais de cada época, ao mesmo tempo que revela a criatividade linguística que lhes está subjacente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Biderman, Maria Teresa; Nascimento, Maria Fernanda B.; Pereira, L. 2007. Uso das cores no português brasileiro e no português europeu. In: Aparecida Negri Isquierdo; Alves, Ieda Maria. (Eds.). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. III. Campo Grande/São Paulo: UFMS/Humanitas, p. 105-124.

Biderman, Maria Teresa; Murakawa, Clotilde de A. A. (coords.). 2012. *Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI, XVII, XVIII)*, 12 vols. Araraquara: FCL.

Correia, Margarita. 2007. Towards a general description of the semantic field of 'colour' in European Portuguese. In: C.P. Biggam; Kay, Christian J. (Eds.), *Progress in colour studies*, 1: Language and Culture. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 111-125.

Cunha, Antônio Geraldo da. 1994. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Houaiss, Antônio. 2001. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva. CDrom.

Jones, W. J. 2013. *German colour terms: A study in their historical. Evolution from earliest times to the present*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Martins, Sabrina de Cássia; Zavaglia, Cláudia. 2014. Léxico e cores: as expressões cromáticas contribuindo para a ampliação lexical. *Revista Trama*, vol. 10, nº 20 - 2º Semestre, p. 83-96.

Martins, Sabrina de Cássia; Zavaglia, Cláudia. 2013. As cores da fauna e da flora: um dicionário especial. *Estudos linguísticos*. São Paulo, 42(1), jan-abr. p. 245-256.

Mollard-Desfour, A. 2008. Les mots de couleur: des passages entre langues et cultures. *Synergies Italie*, nº 4, p. 23-32.

Mollard-Desfour, A. 2011. *Le lexique de la couleur: de la langue à la culture... et aux dictionnaires*. *Revue d'Etudes Françaises*, nº 16, p. 89-109. Disponível em: <http://docplayer.fr/533011-Annie-mollard-desfour.html>. Acesso em 17.08.2015.

Murakaa, Clotilde de A. A. 2014. A construção de um dicionário histórico: o caso do Dicionário Histórico do Português do Brasil – século XVI, XVII e XVIII. *Estudos de linguística galega*, v. 6. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, p. 199-216.

Murakawa, Clotilde; Gonçalves, Maria Filomena. 2015. The corpus of the *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB). In: Silvestre, João Paulo; Villalva, Alina (Eds.). *Planning non existente dictionaries*. Lisboa/Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Universidade de Aveiro, p. 19-41.

Nascentes, Antenor. 1932. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Com prefácio de W. Meyer Lübke. Rio de Janeiro.

Silvestre, João Paulo; Villalva, Alina; Pacheco, Paulo. 2014. The Spectrum of red. Colour names in Portuguese. In: *Proceedings of the 50th Anniversary Convention of the Society for the Study of Artificial Intelligence and the Simulation of Behaviour*. London, 1-4 April 2014. Disponível em: <http://doc.gold.ac.uk/aisb50/AISB50-S20/aisb50-S20-silvestre-paper.pdf>. Acesso em 20.08.2015.

Zavaglia, Cláudia. 2006. Dicionário e Cores. *Alfa*. São Paulo, 50 (2), p. 25-41.

Zavaglia, Cláudia. 2007. A prática lexicográfica multilingüe: questões concernentes ao campo das cores. In: Aparecida Negri Isquerdo; Alves, Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*. vol. III. Campo Grande/São Paulo: Editora UFMS/Humanitas.

TRAÇOS DO LÉXICO NORDESTINO EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA*, DE RACHEL DE QUEIROZ

Carlos Alberto de SOUZA¹⁶

RESUMO

O presente estudo visa apresentar um projeto dicionarístico para elaboração de um glossário do linguajar regional popular no romance *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz que compõe a tese defendida na Universidade Federal do Ceará-Brasil, em outubro de 2013, intitulada *A linguagem regional-popular nos romances de Rachel de Queiroz*. O objetivo maior é descrever o léxico regional característico do Nordeste brasileiro, de modo especial, o do Ceará, terra natal da escritora. Trata-se de uma pesquisa de natureza sócio e etnolinguística, a qual investiga a variação da linguagem em seu contexto social, mais precisamente, no que diz respeito ao processo linguístico e à cultura regional nordestina, anotados no glossário a que nos propusemos realizar. Este estudo desenvolveu-se à luz dos princípios teóricos da Lexicologia e da Lexicografia, que foram utilizados conforme Aragão (2006), Krieger *et al* (2006), Biderman (2001), Isquerdo (1998) e Barbosa (1991), para a elaboração de um glossário dos itens lexicais que constituem o regionalismo presente em *Memorial de Maria Moura* (1992). Ao término da nossa proposta de glossário, confirmamos, que o léxico dos diferentes personagens do romance marca, além da variação regional, outros tipos de variação, como as sociais e as culturais. As variações linguísticas na linguagem regional-popular são marcadamente léxico-semânticas; e as variáveis regionais e socioculturais empregadas pelos personagens do romance em estudo advêm da relação entre linguagem, sociedade e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Regionalismos; linguagem popular; léxico; Literatura regional.

Este trabalho utiliza o romance *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz, visando uma identificação do léxico regional característico do Nordeste brasileiro, de modo especial, o do Ceará, terra natal da escritora. Tal objetivo se fundamenta nas declarações da escritora de que os seus personagens, mesmo sendo fictícios apresentam características de pessoas muito próximas do seu convívio pessoal, além de serem representativos da cultura nordestina. Do ponto de vista linguístico, é bastante significativo, vez que a escritora apresenta um repertório que abrange desde

16 SOUZA, Carlos Alberto de. UFC, Curso de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras, Av. da Universidade, 2683 – 60.120 – Fortaleza - CE.-BR. carlosalsouza@hotmail.com

regionalismos, passando por vocábulos e expressões até provérbios. São marcas constitutivas de formas de expressão do homem, que como agente histórico deixa seu sinal no universo lexical. Como o léxico é composto por “um conjunto de possibilidades de manifestações expressivas notadamente linguísticas do homem, sua natureza é equilibradamente dinâmica.”¹⁷ Para sustentação de tal equilíbrio, seguimos o entendimento de Oliveira (1997), ao perceber que o dinamismo da língua manifesta-se primordialmente no léxico, no qual encontramos, em toda e qualquer manifestação linguística, a presença de elementos que revelam a forma de concepção do mundo de determinada sociedade, em determinada época.

Porque o léxico permeia toda e qualquer manifestação linguística, apoiamo-nos em Biderman (1981), que o considera:

o tesouro vocabular de qualquer língua, no qual está inclusa a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e natural, criado por todas as culturas humanas, o que faz com que o léxico seja uma ponte mais acessível e indissociável entre o linguístico e o extralinguístico.¹⁸

Reforçando este posicionamento, amparamo-nos em Aragão (2006:8-9), que, ao assegurar que a Etnolinguística, segundo Coseriu (1987:5), é “o estudo da linguagem em relação com a civilização e a cultura das comunidades”, segue de perto as relações existentes entre a língua e a comunidade, que a fala afirmando que:

A relação entre linguagem e cultura se dá em 3 sentidos diferentes: a) a linguagem é uma forma primária de cultura, do espírito criador do homem; b) a linguagem reflete a cultura não linguística, é a atualidade da cultura, manifesta os saberes, as ideias, as crenças acerca da realidade conhecida, das realidades sociais e da própria linguagem enquanto parte da realidade; c) a linguagem não é só competência linguística, mas é competência extralinguística, conhecimento do mundo, saberes, ideias e crenças acerca das coisas.

Daí, podemos concluir que há um estreito entrelaçamento entre o agir e o falar que explicita o perfil sociocultural da comunidade. Devido à existência desse liame entre o falar e o universo cultural de um povo, a nossa pesquisa reforça-se com Proença Filho (1986, p.37), que vislumbra o texto literário tanto como um *objeto linguístico*, como um *objeto estético*. Assim sendo, é notório que o texto literário é tanto linguístico,

17 Souza, Carlos Alberto de. 2013. *A Linguagem regional-popular nos romances de Rachel de Queiroz*, p. 20. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

18 Ibidem, p. 21.

por representar o modo expressivo de uma determinada sociedade ou estrato social, quanto estético, por pertencer a uma específica caracterização textual. Sob esse aspecto, Proença Filho (*op. cit.*:34) ainda evidencia:

Obviamente, como cultural que é, a literatura acompanha o desenvolvimento da cultura de que é parte integrante. A literatura se vale da língua e revela dimensões culturais. Cultura, língua e literatura estão, portanto, estreitamente vinculadas.

Quanto a esse texto literário, a linguagem regional-popular constitui um conjunto lexical, do qual aflora um rico sistema de crenças, valores culturais e ideologias, que desnudam o perfil intelectual e as variações regionais manifestadas na maneira expressiva e singular de seus falantes. Nesse direcionamento, vamos ao encontro de Carvalho (2001:s/p), que revela:

O estudo do léxico permite compreender os conceitos e as ocorrências da vida cotidiana, por ser modelo e modelador de cultura. [...] língua e cultura formam um todo indissociável que não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos. [...] o estudo de palavras lexicais, onde o componente cultural se manifesta com mais intensidade, pode ser o fio condutor para o conhecimento de uma comunidade. [...] O acervo lexical é formado por unidades estáveis e econômicas, receptáculos pré-construídos e lugares de penetração privilegiados para certos conteúdos da cultura que a eles aderem, anexando-lhes outra dimensão à dimensão originária.

Dessarte, reafirmamos a nossa comunhão teórica com a autora acima referida, para quem os acervos lexicais dizem respeito à linguagem regional-popular, compreendida, nesta abordagem, como um espelho da realidade sujeita a mudanças que podem ocorrer por influência de fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos, uma vez que eles são verdadeiramente um indício de expressão coletiva, traduzida linguisticamente em palavras, expressões e fórmulas que carregam intensa carga cultural.

Normas para composição do Glossário

Para a estruturação do Glossário, que terá como público alvo não somente interessados em estudos do léxico de uma maneira geral, mas também especialistas e

não-especialistas em Literatura Brasileira, tomamos por base as orientações de Barbosa (1989 e 1991), bem como de Isquierdo (1998), além de Biderman (2001). Seu *corpus* é composto de *corpus de análise*, o romance *Memorial de Maria Moura*, do qual foram extraídos os itens lexicais, e de *corpus de referência*, os Dicionários reconhecidos como obras de referência da língua portuguesa, tais como: AURÉLIO eletrônico versão 3.0, 1999; HOUAISS eletrônico versão 3.0, 2009; MICHAELIS eletrônico versão 5.0, 1998. Ainda compõem esse elenco lexicográfico os Dicionários de linguagem regional popular, para comprovação dos conceitos das lexias: Girão (2.000); Cabral (1982); Seraine (1991). Além desses autores, embora em menor teor de contribuição, nosso estudo buscou também amparo em Nascentes (1996); Lacerda; Lacerda; Abreu (2.000); Cascudo (1977); Fernandes (2.000); Mota (1987); e Silveira (2010), por observarem aspectos linguísticos da variedade dialetal, em língua portuguesa, variante brasileira, que integram o linguajar regional-popular do Nordeste do Brasil. característico das falas dos personagens rachelianos.

Os princípios que orientaram os paradigmas estruturais do glossário foram aqueles descritos em Barros (2004). Assim sendo, os itens lexicais integrantes da nomenclatura do glossário incluem: substantivos, expressões, provérbios, formas adjetivas, formas verbais e formas adverbiais. Cada verbete está formado por uma palavra-entrada, seguida de enunciado lexicográfico. Há também a indicação de dicionarização (ILD= item lexical dicionarizado) ou não dicionarização (ILND= item lexical não dicionarizado) do item, categoria gramatical, gênero, número, definição, indicação de remissiva, contexto e notas linguísticas e enciclopédicas.

Se o item for dicionarizado, utilizamos, a seguir, nomenclatura para indicar a acepção encontrada, em relação ao sentido observado na obra em estudo: - ILD+AE= item lexical dicionarizado com acepção equivalente ao sentido empregado no romance em estudo; ILD+AD= item lexical dicionarizado com acepção diferente ao sentido usado no romance em estudo; e ILD+AC= item lexical dicionarizado com acepção complementar ao sentido usado na obra em estudo. Quando houver uma variante léxica, ela será indicada por V.L.; quando houver uma nota enciclopédica, por N.E.; e quando houver uma nota linguística, por N.L.

GLOSSÁRIO *Memorial de Maria Moura*

ABANAR O RABO *exp.*

Tremer, oscilar. (AURÉLIO)

“Ele apanhou a moeda, saiu correndo. Como disse o velho Franco, nem sequer **abanou o rabo.**” (M.M.M., p.278)

ILDAE apenas no (AURÉLIO), e *ILDAC* no (HOUAISS), nos demais Dicionários consultados é *ILND*.

ABANAR OS QUEIXOS *exp.*

Falar provocantemente a alguém agitando as mãos perto do rosto – gesto insultuoso que equivale a um desafio à luta corporal e exige sempre enérgico revide. (SERAINÉ, 1991, p.14)

“A Firma chegou mais perto de Rubina e **abanou-lhe os queixos:** ...” (M.M.M., p.91) *N.L.* 1. (SERAINÉ, 1991, p.14) acrescenta ser de uso popular menos comum que antigamente. 2. (CABRAL, 1982, p.14) acrescenta que é ameaçar alguém pegando no queixo e sacudindo-o. *ILDAE* nos Dicionários de regionalismos e *ILND* nos Dicionários padrão de língua.

ABANCAR-SE *v.*

Tomar assento; sentar-se, assentar-se. (AURÉLIO)

“O velho, então, me mandou entrar, apontou um banco defronte dele: - **Se abanque.**” (M.M.M., p. 277) *N.L.* (CABRAL, 1982, p. 14) afirma ser uma linguagem principalmente rural. *ILDAE* nos Dicionários padrão de língua e no (CABRAL, 1982, p. 14). Nos demais Dicionários é *ILND*.

ALMANJARRA *s.f.*

Coisa enorme, desmedida, mal-acabada. (AURÉLIO)

“... ia dar uma pirueta de duas voltas, quando a **almanjarra** do trapézio começou a estalar” (M.M.M., p.76) *ILDAE* nos três Dicionários padrão de língua. *ILND* nos três Dicionários de regionalismos.

AMIGADO *adj.*

Amasiado, amancebado. (AURÉLIO)

“O pecado da carne com o meu próprio padrasto! – que aliás nem padrasto era, já que nunca se casou com Mãe. Só era **amigado** com ela, como o povo dizia.” (M.M.M., p.17) *ILDAE* nos três Dicionários padrão de língua e no (CABRAL). *ILND* no (SERAINÉ) e no (GIRÃO).

AMONTAR v.

Fugir (o animal doméstico) para o mato e tornar-se bravio. (AURÉLIO)

“Mas veio dois anos de seca, o gado foi morrendo, o pouco que escapou *amontou* pela serra...” (M.M.M., p.240/41)

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (SERAINÉ) e no (GIRÃO). *ILDAD* no (CABRAL). *ILND* no (MICHAELIS).

APRAGATA s.f.

V.L. *albarca alparca, alparcata, alpargata, alpergata, apragata, paragata, pracata, pargata, pragata*, (AURÉLIO)

Sandália sem salto que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano. (AURÉLIO)

“Lavei o resto do corpo, sai do banho me sentindo outro. Lavei até as *apragtas*. Lavei muito bem a cabeça: apalpei a coroa.” (M.M.M., p.252)

N.L. 1. (HOUAISS, 2009) aponta como sendo um regionalismo do Brasil de uso informal. 2. (CABRAL, 1982, p.37) chama atenção para a denominação LEPE-LEPE. – Som produzido pela alpercata, na planta do pé, quando a pessoa anda. *ILDAE* nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* no (SERAINÉ).

ARÇÃO s.m.

V.L. *ação* (SERAINÉ, 1991, p.34)

Armação da sela de montaria, de madeira revestida de couro, formada por uma arcada na dianteira e outra na traseira. (HOUAISS)

“O visitante foi até junto da burra, tirou um saco que tinha pendurado do *arção* da sela, do saco puxou com cuidado um registro de santo, num quadro.” (M.M.M., p.63)

N.L. (SERAINÉ, 1991, p.34) afirma ser termo popular de uso corrente. Linguagem rural. *ILDAE* em todos os Dicionários consultados.

AREAR v.

V.F. *ariar* (CABRAL, 1982, p.56)

Escovar (os dentes). (AURÉLIO)

“Como é que eu ia poder acordar com o sol, lavar o rosto, *arear* os dentes...” (M.M.M., p.135).

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS) e no (CABRAL). *ILDAC* no (MICHAELIS). *ILND* no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

ARRANCHAR-SE v.

Hospedar-se ou estabelecer-se provisoriamente. (AURÉLIO)

“Tinha ficado vaga a casa de uma viúva que se mudou pra longe, depois da morte do

marido. – Vocemecê pode até **se arranchar** lá.” (M.M.M., p.287)

N.L. Em Seraine (1991, p.36) há as seguintes acepções: ‘Hospedar-se em caminho ou no curso de uma viagem ou ainda em lugar onde se vai para fim determinado; estabelecer-se provisoriamente. Uso sertanejo, rural.

ILDAE em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

ARREARv.

Atar, prender, amarrar. (CABRAL, 1982, p.61)

“João Rufo já estava meio velho e cansado, bom de **arreara** carga nas suas costas.” (M.M.M., P.299)

N.L. (CABRAL, 1982, p.61) apresenta: pronunciam arriar.

ILDAE em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

AZUCRINAR v.

Apoquentar . (AURÉLIO)

“E mais: eu, novinha, sadia, podia ainda ter uma récuca de filhos para virem **azucrinar** os tios.” (M.M.M., p.89)

N.L. 1. (HOUAISS) apresenta como um regionalismo brasileiro. 2. (SERAINÉ, 1991, p.41) afirma ser de uso popular corrente.

ILDAE em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismo.

BACURAU s.m.

Ave noturna (espécie de coruja). (CABRAL, 1982, p.85)

“Piava coruja e **bacurau**, piava e resmungava e roncava tanto pássaro e bicho esquisito, mas não dava medo, fazia até uma espécie de companhia.” (M.M.M., p.81)

N.L. 1. (HOUAISS) apresenta: acurau, acuraua, curiango, curiangu, curiavo, guiraquereá, ibijaú, noitibó, oitibó, pinta-cega como outros nomes pelos quais bacurau é conhecido. 2. Tanto (HOUAISS) quanto (AURÉLIO) afirmam ser um regionalismo brasileiro.

N.E. [Possuem hábitos noturnos e alimentam-se de insetos.] (HOUAISS)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (SERAINÉ). *ILND* no (GIRÃO).

BAILARIM s.m.

V.L. **bailarino** (AURÉLIO)

Aquele que se dedica à arte do bailado; dançarino. (AURÉLIO)

“Eu passava dias e noites nessa confusão de pensamento. E quando ia me alegrando, lá vinha a desconfiança, ou os remoques da Firma: - Cadê o *bailarim*? Sumiu?” (M.M.M., p.129)

ILDAE no (AURÉLIO) e no (HOUAISS). *ILND* nos três Dicionários de regionalismos e no (MICHAELIS).

BARRA DO DIA *exp.*

A primeira claridade do dia. (HOUAISS)

“Afinal cantou o galo da madrugada. O da meia-noite, já tinha cantado e dormido outra vez. O de agora cantava e amiudava, *a barra do dia* estava rompendo.” (M.M.M., p.44).

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* no (MICHAELIS) e no (SERAINÉ).

BATER DOS BEIÇOS *exp.*

Movimento repetitivo dos lábios. (SOUZA, 2013)

“Beato Romano ficou muito tempo ajoelhado junto da cova, rezando tão baixinho que só se via que era reza pelo *bater dos beiços*.” (M.M.M., p. 324)

ILND em nenhum dos Dicionários consultados. É, portanto, um neologismo.

BEIRADEIRO *adj. e s.m.*

V.F. *beradeiro* (CABRAL, 1982, p.106)

m.q. caipira ('roceiro'). (HOUAISS)

“Meus filhos quando a fome aqui era demais, botavam umas esperas nessa estrada e tomavam as compras dos *beiradeiros* que vinham de lá fazer feira...” (M.M.M., p.118)

N.L. 1. (HOUAISS) apresenta como regionalismo do Ceará significando *caipira* ('roceiro'); Regionalismo da Paraíba significando homem interiorano, rústico, que habita nas imediações dos núcleos de moradia sertanejos; Regionalismo de Pernambuco com o significado de habitante de beira de estrada de ferro; pequeno comerciante das margens das estradas de ferro; Regionalismo da Bahia com o significado de habitante das margens dos rios, esp. do rio São Francisco. 2. (SERAINÉ, 1991, p.55) afirma ser de uso plebeu rural.

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (CABRAL) e no (SERAINÉ). *ILND* no (MICHAELIS) e no (GIRÃO).

BESTA-FERA *s.f.*

Indivíduo mau, desumano ou sanguinário. (HOUAISS)

“Saí também feito um desesperado, no rastro do outro, a *besta-fera*.” (M.M.M., p.165)

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (CABRAL). *ILND* no (MICHAELIS), no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

BESTALHÃO *adj.*

Que ou quem é ignorante, rústico ou falta de inteligência. (HOUAISS)

“E de andar com as meninas eu não fazia conta, eram muito *bestalhonas* e medrosas.” (M.M.M., p.88)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* no (SERAINÉ).

BICHIM *s.m. (diminutivo)*

Forma alterada de *bichinho*. (SOUZA, 2013)

Fórmula de tratamento carinhoso que se dá aos animais e às pessoas, esp. aos meninos, mas por vezes extensivo aos adultos. (Adaptado da forma *bichinho* do HOUAISS e do SERAINÉ, 1991, p.57)

“– Corre já trazer uns paus de lenha, *bichim* sem préstimo!” (M.M.M., p.378)

N.L. (SERAINÉ, 1991, p.57) afirma ser de uso popular corrente. (MOTA, 1987, p.235) acrescenta: tratamento carinhoso, dado especialmente às crianças. Corresponde a *benzinho*.

ILND em nenhum dos Dicionários padrão de língua. *ILDAE* nos três Dicionários de regionalismos e no (MOTA, 1987)

BICHINHO *s.m.*

Tratamento carinhoso dado às crianças, particularmente, mas por vezes extensivo a adultos. (SERAINÉ, 1991, p.57)

“Coitadinha da *bichinha*...’ e até me embalava na rede, ao entrar no quarto e me ver sempre imóvel, tão desolada.” (M.M.M., p.20)

N.L. (SERAINÉ, 1991, p.57) afirma ser de uso popular corrente.

ILDAE no (HOUAISS) e nos três Dicionários de regionalismos. *ILDAC* no (AURÉLIO). *ILND* no (MICHAELIS).

BIQUEIRO *adj.*

Que come pouco, ou que é difícil de agradar no comer; que tem má boca. (AURÉLIO)

“Eu sempre tinha vivido trancada em casa, as cunhãs me trazendo tudo na mão, preparando meu banho, lavando a minha roupa, fazendo comidinha especial porque eu era *biqueira*.” (M.M.M., p.120)

N.L. (SERAINÉ, 1991, p.59) afirma ser de uso popular corrente.

ILDAE em todos os Dicionários consultados, sejam naqueles padrão de língua, sejam naqueles de regionalismo.

BISACO *s.m.*

Bornal, mochila. (AURÉLIO)

“Derreteram na caneca uma banda de rapadura que Zé Soldado tinha trazido no *bisaco* ‘pra roer um taco na hora da sentinela.’” (M.M.M., p.81)

N.L. Tanto (AURÉLIO) quanto (HOUAISS) afirmam ser regionalismo do Nordeste.

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* no (MICHAELIS), no e no (SERAINÉ).

BRAÇA *s.f.*

Unidade de medida de comprimento equivalente a dez palmos, ou seja, 2,2m. (Adaptado do AURÉLIO)

“O outro punho atou num angico, duas *braças* afastado da catingueira.” (M.M.M., p.119) N.L. (CABRAL, 1982, p.133) chama atenção para o fato de ainda hoje ser muito usada no Nordeste na medição de terras, cordas, fumo em rolo, etc.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (SERAINÉ). *ILND* no (GIRÃO).

CABRA *s.m.*

Capanga, jagunço. (HOUAISS)

“Se lembra da Tia Vivinha? Fugiu com aquele mulato, *cabra* forro, vindo das bandas do Maranhão,” (M.M.M., p.47);”

“Os *cabras* gostaram dele, gostaram muito.” (M.M.M., p.369)

ILDAE em todos os Dicionários consultados, sejam naqueles padrão de língua, sejam naqueles de regionalismo.

CABRITO *s.m.*

Garoto atrevido. (CABRAL, 1982, p.152)

“Difícil mesmo vai ser passar a mão nela. A *cabrita* é capaz de se defender até de faca.” (M.M.M., p.50)

N.L. (SERAINÉ, 1991, p.77) afirma ser de uso familiar e popular.

ILDAE em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismo.

CHIBÉ *s.m.*

V.L. *quibebe* (SERAINÉ, 1991, p.104) e *xibé* (CABRAL, 1982, p.216)

Espécie de caldo feito com farinha de mandioca, rapadura e água. (GIRÃO, 2000, p.144)

“Mas João Rufo tratou logo de fazer um *chibé* com rapadura raspada, farinha e água...” (M.M.M., p.143)

N.L. 1. Tanto (HOUAISS) quanto (AURÉLIO) apresentam *jacuba* como sinônimo e afirmam ser um regionalismo do Norte e Nordeste. 2. (AURÉLIO) ainda apresenta como sinônimo no Nordeste *sebereba*.

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (CABRAL), no (GIRÃO) e no (SERAINÉ). *ILND* no (MICHAELIS).

DAR DE MARCHA *exp.*

Pôr-se em marcha; seguir caminho; andar. (SERAINÉ, 1991, p.126)

“Os outros riram. Roque meteu o relho na burra, nós *demos de marcha* aos cavalos.” (M.M.M., p. 260)

N.L. Termo não encontrado em nenhum dos Dicionários padrão de língua. Acredita-se ser termo do linguajar regional popular.

ILDAE no (GIRÃO) e no (SERAINÉ). *ILND* nos Dicionários padrão de língua e no (CABRAL).

DE BORCO *exp.*

De barriga para baixo. (AURÉLIO)

“Dei boa noite, entrei no meu quarto, bati a porta. Aí me atirei *de borco* na cama; e chorava com tanta fúria que até cheguei a rasgar o lençol com os dentes.” (M.M.M., p.404)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua e no (CABRAL). *ILND* no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

DE COMER *s.m.*

V.L. *de-comer* (HOUAISS); *decomer* (SERAINÉ, 1991, p.126); *dicumê*, *de-cumê*, *cume* (CABRAL, 1982, p.274)

Coisa de comer; alimento, comida. (AURÉLIO)

“Eles ficaram ruminando aquela novidade. Depois a Rana falou: - Nas casas não tem *de comer* pros outros. Só dá pra gente.” (M.M.M., p.276) “

N.L. (HOUAISS) apresenta como sendo regionalismo de uso informal. (SERAINÉ, 1991, p.126) afirma ser de uso plebeu rural.

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (CABRAL), no (GIRÃO) e no (SERAINÉ). *ILND* no (MICHAELIS).

DE RABO ENTRE AS PERNAS *exp.*

V.L. *meter o rabo entre as pernas, sair com o rabo entre as pernas.* (CABRAL, 1982, p.643)

Encolher-se, calar, com medo ou por não ter razão. (AURÉLIO)

“É agora encolhido, *de rabo entre as pernas*, pronto a se ajoelhar e pedir misericórdia, contanto que a gente o deixasse livre!” (M.M.M., p.177/78)

ILDAE no (AURÉLIO) e no (CABRAL). *ILDAC* no (HOUAISS) e no (MICHAELIS). *ILND* no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

DEMUDADO *adj.*

Mudado, alterado, desfigurado. (AURÉLIO)

“É que vocemecê está muito *demudado*” (M.M.M., p.313)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua. *ILND* nos três Dicionários de regionalismos.

DESAFASTAR *v.*

O mesmo que afastar, uso informal. (HOUAISS)

“O desgraçado gritou para os homens: - *Desafasta*, senão ela morre!” (M.M.M., p.199)

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* no (MICHAELIS) e no (SERAINÉ).

DESASNAR *v.*

V.L. *desarnar*(CABRAL, 1982, p.283)

Dar instrução (esp. as primeiras noções) a; ensinar. (HOUAISS)

“Arranji para dar umas aulas a um mocinho, filho do dito bodegueiro; era só para *desasnaro* rapaz, antes de ser mandado para os estudos na cidade, em casa da avó.” (M.M.M., p.255)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, e no (CABRAL). *ILND* no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

DESCOROÇOADO *adj.*

V.L. *desacorçoado, desacoroçoado, descorçoado* (AURÉLIO)

Diz-se de, ou indivíduo sem coragem, sem ânimo; desanimado, desalentado. (AURÉLIO)

“Valentim estava pasmo, *descoroçoado*: - E eu pensava que vida difícil e arriscada era vida de pelotiqueiro!” (M.M.M., p. 450)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua. *ILND* nos três Dicionários de regionalismos.

DESEMPENADO *adj.*

Desenvolto, desembaraçado. Elegante. (CABRAL, 1982, p.288)

“O Irineu era o melhorzinho, o mais *desempenado*; mas tinha uns olhos vermelhos, como

se sofresse do mal da sarapiranga.” (M.M.M., p.35)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua e no (CABRAL). ILND no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

DESTRIORADO *adj.*

V.L. *deteriorado* (SOUZA, 2013)

Danificado, estragado. (Adaptado do AURÉLIO)

“E esta calça eu só visto quando vou ver gente. Como hoje, com vocemecê. O pano está *destriorado*, mas ainda encobre o corpo...” (M.M.M., p.242)

N.L. Item lexical não encontrado em nenhum dos Dicionários consultados. É, portanto, um neologismo.

ILND em nenhum dos Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

DONA *s.f.*

Referência a determinada pessoa, cujo nome se desconhece. (CABRAL, 1982, p.309)

“E então apareceu a *Dona*. Calçava botas de cano curto, trajava calças de homem, camisa de xadrez de manga arregaçada.” (M.M.M., p.10)

ILDAE em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

DOR DE VEADO *exp.*

Dor forte que se manifesta do lado direito do abdome, resultante de uma árdua corrida. (AURÉLIO)

“Quando o cavalo chouteava forte, me atacava aquela dor que chamam *dor de veado*, a que dá uma pontada forte nos vazios.” (M.M.M., p.87)

ILDAE no (AURÉLIO), no (MICHAELIS) e no (CABRAL). ILND no (HOUAISS), no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

EMBORNAL *s.m.*

V.L. *borná, bornó, bornal, bornoz* (CABRAL, 1982, p.126)

Sacola de couro, de pano ou de folha de carnaubeira, trançada, que se porta a tiracolo.

Destina-se à condução de utensílios, alimento, munição ou petrechos de caça. (CABRAL, 1982, p.126)

“As moedas de cobre entreguei a João Rufo no saquinho onde estavam e que ele enfiou no *embornal*.” (M.M.M., p.63)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* apenas no (SERAINÉ).

ENCABULAMENTO *s.m.*

Ato ou efeito de encabular (-se). (AURÉLIO)

“Eu não morria de *encabulamento* porque Valentim estava ao meu lado, com o braço passado no meu ombro.” (M.M.M., p.216)

N.L. 1. Acredita-se ser um termo pertencente ao linguajar popular. 2. (HOUAISS)

Apresenta *encabulação* como sinônimo.

ILDAE no (AURÉLIO) e no (HOUAISS). *ILND* no (MICHAELIS) e nos três Dicionários de regionalismos.

ENXERIR-SE *v.*

V.L. *enxirir-se* ou *inxirir-se* (CABRAL, 1982, p.348)

Procurar namorar; arrastar a asa a alguém. (AURÉLIO)

“Os meus rapazes foram logo *se enxerindo* para o lado das índias.” (M.M.M., p.150)

N.L. 1. (HOUAISS) afirma ser um regionalismo do Norte e do Nordeste do Brasil. 2.

(CABRAL, 1982, p.348) apresenta a acepção *Tentar conquista amorosa com impertinência*.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua e no (CABRAL). *ILND* no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

ESBOFAR *v.*

Causar grande fadiga a, cansar. (Adaptado do AURÉLIO)

“– Capina você, seu preguiçoso. Fica o dia todo esparramado dormindo, e a mulher e as crianças que se *esbofem*! A mulher do preguiçoso exibiu o primeiro sorriso da noite: - Lá isso é ...” (M.M.M., p. 279)

“Nós não puxamos demais, para não *esbofar* os cavalos.” (M.M.M., p.431)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua. *ILND* nos três Dicionários de regionalismo.

ESCOLADO *adj.*

V.L. *escolista* (CABRAL, 1982, p.354)

Esperto, vivo, sabido, ladino. (AURÉLIO)

“A gente ia aprendendo. O Roque era *escolado* e nós um bando de aprendiz chucro.” (M.M.M., p.260)

N.L. (HOUAISS, 2009) afirma ser um regionalismo do Brasil.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (SERAINÉ). *ILND* no (GIRÃO).

ESTATELADO *adj.*

Parado, imóvel; estático. (AURÉLIO)

“... – sonho com aquela cara de enforcada, a face roxa, os olhos *estatelados*, a ponta da língua saindo da boca.” (M.M.M., p. 18)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* no (SERAINÉ)

FANIQUITO *s.m.*

V.L. *fanequito* (CABRAL, 1982, p.380)

Crise nervosa sem gravidade; chlique, fricote. (HOUAISS)

“Mas desmaiar, na hora do trabalho, cair no chão num *faniquito* ...?” (M.M.M., p.286)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua e no (CABRAL). *ILND* no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

FORRA *adj.*

Alforriada, livre. (SOUZA, 2013)

“Pois fique sabendo que eu sou *forra*, de papel passado, desde que peguei barriga do finado seu sogro!” (M.M.M., p.92)

N.L. Nenhum dos Dicionários consultados apresenta o item lexical nesta concepção. É, portanto, um neologismo.

ILLDAD em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

FULO DE RAIVA *exp.*

Irritadíssimo, genioso; colérico. (AURÉLIO)

“Eu fiquei andando no alpendre, pra lá e pra cá, ainda *fula de raiva*.” (M.M.M., p.38)

N.L. 1. Em Cabral (1982, p.409) encontramos *fulo de raiva* (ou apenas *fulo*) – excessivamente irado. 2. Também em Cabral (1982, p.409), *fulo de raiva* é expressão encontrada em Portugal como no Brasil, vai aqui assinalada por ser muito frequente seu emprego no Nordeste. Há divergências quanto à sua origem: uns acham que provém do latim, outros de certa língua africana; mas pode vir do inglês **full**, cheio). “Expressão popular, introduzida e vulgarizada no português, graças ao negro.” (Celso Mari em *Ibiapina um apóstolo do Nordeste*, p.68)

ILDAE em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

GADO DO VENTO *exp.*

Que não pertence a ninguém. (SOUZA, 2013)

“... o pouco que escapou amontou pela serra, virou ‘*gado do vento*’, quer dizer sem dono – como fala o povo.” (M.M.M., p.241)

N.L. Item lexical não encontrado em nenhum dos Dicionários consultados. É, portanto um neologismo.

ILND em nenhum dos Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

GRAÇA *s.f.*

O nome de batismo. (AURÉLIO)

”Como é a *graça* de vocemecê? – José Nascimento da Conceição, seu criado ...” (M.M.M., p.270)

N.L. (SERAINÉ, 1991, p.186) afirma ser de uso plebeu, rural, sertanejo.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (SERAINÉ). *ILND* no (GIRÃO).

INTICAR *v.*

V.L. *intincar, enticar* (CABRAL, 1982, p.445)

Implicar. (CABRAL, 1982, p.343)

”E só pra *inticar* com a Firma, Rubina confirmou tudo do moço com a rabeça, do seu ofício de saltimbanco...” (M.M.M., p.91)

N.L. 1. Termo não registrado em nenhum dos Dicionários padrão de língua. Acredita-se pertencer ao linguajar regional-popular. 2. (SERAINÉ, 1991, p.196) aponta como sendo de uso popular e acento plebeu e rural.

ILDAE nos três Dicionários de regionalismos. *ILND* nos três Dicionários padrão de língua.

ITÉ *adj. de dois gêneros.*

Sem gosto; insípido. (AURÉLIO)

”Sal não havia; mas estava ali mesmo sol pra secar a carne e todo mundo já estava acostumado a comer *ité*, feito índio.” (M.M.M., p.238)

N.L. Item lexical não encontrado em nenhum dos Dicionários de regionalismo. Acredita-se pertencer ao linguajar popular e mesmo assim de pouco uso, vez que só se encontra registrado em um dos Dicionários padrão de língua.

ILDAE no (AURÉLIO). *ILND* no (HOUAISS), no (MICHAELIS) e nos três Dicionários de regionalismos.

JEREBITA *s.f.*

V.L. *jiribita*, *jeribita*, *geribita* e *giribita* (CABRAL, 1982, p.454)

Cachaça ou qualquer outra bebida alcoólica forte. (SERAINÉ, 1991, p.202)

”Fazia as sortes de sempre, mas sem ajudante, que Ninosa ficava servindo a *jeribita* aos fregueses.” (M.M.M., p.289)

“Fui lá dentro, peguei uma garrafa com uns dois dedos de *jeribita* (lembrança do Liberato) e entreguei a João Rufo: - Pra esquentar a friagem” (M.M.M., p.43)

N.L. (SERAINÉ, 1991, p.202) apresenta: Uso pop. um tanto restrito, não raro, em tom burlesco. *Jiribita* é a pronúncia corrente.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua. *ILND* nos três Dicionários de regionalismos.

JUREMA *s.f.*

Árvore nativa do Brasil (característica da caatinga nordestina), de caule tortuoso, com casca malhada, ramos em zigue-zagues, armados, madeira us. em marcenaria e obras internas, flores esverdeadas e vagens coriáceas, escuras e arqueadas. (Adaptado do HOUAISS)

”... fugir da mataria fechada, principalmente mato de alagadiço, que só tem *jurema* e unha-de-gato, com os seus espinhos cortando a cara e as mãos dos cavaleiros.” (M.M.M., p.229)

N.L. 1.(HOUAISS) Afirma que também é conhecida como: *angico-branco*, *jacaré*, *vinhático-de-espinho*. 2.(SERAINÉ, 1991, p.205), apresenta *jurema branca* e *jurema preta* como espécies deste vegetal.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua e no (SERAINÉ). *ILND* no (CABRAL) e no (GIRÃO).

MEIA-ÁGUA *s.f.*

V.L. *meiágua* (CABRAL, 1982, p.510)

1. Telhado de um só plano. 2. P.ext. Habitação com esse telhado.(AURÉLIO)

“Pela minha parte eu exigi que Duarte levantasse uma *meia-água* aberta, isolada da casa, pra se lidar com material tão perigoso.” (M.M.M., p.330)

N.L. (SERAINÉ, 1991, p.236) aponta como sendo de uso popular corrente.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (SERAINÉ). *ILND* no (GIRÃO).

MULHER DE BIGODE *exp.*

V.L. ‘mulher de bigode não é pagode’ e ‘mulher de bigode nem o diabo pode’ (MOTA, 1987, p.125)

Mulher independente, que não aceita opinião de ninguém. (SOUZA, 2013)

“Ele se treme todo quando ela lhe bota aqueles olhos duros de gavião. *Mulher de bigode*, que é que se pode esperar?” (M.M.M., p.50)

N.L. Acredita-se que seja uma forma alterada das variantes léxicas: ‘mulher de bigode não é pagode’ e ‘mulher de bigode nem o diabo pode’ apontadas por (MOTA, 1987, p.125). (SOUZA, 2013)

ILND em nenhum dos Dicionários padrão de língua, nem naqueles de regionalismos.

NA HORA DO PEGA PRA CAPAR *exp.*

Na hora decisiva. Na hora do perigo. Por ocasião do ajuste de contas. (CABRAL, 1982, p.436)

“–Não vê você ? Grita e esperneia, mas quando chegar *a hora do pega-para-capar*, vai correr se esconder na cozinha, chorando.” (M.M.M., p.43)

N.L.: Cabral (1982, p.436) apresenta as expressões: *Na hora da onça beber água* e *Na hora do canção pegar menino* com a mesma acepção.

ILDAE no (AURÉLIO) e nos três Dicionários de regionalismos. *ILND* no (HOUAISS) e no (MICHAELIS).

PAPO-DE-EMA *s.m.*

Alforje, sacola com alça. <aulete.uol.com.br/papo-de-ema> Acesso em 27/03/13.

“Peguei lá *o papo-de-ema* que Pai, quando viajava, usava para guardar o dinheiro.” (M.M.M., p.62)

N.L. Item lexical somente encontrado em (aulete.uol.com.br/papo-de-ema)

ILND em nenhum dos Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

PASSAR A MÃO *exp.*

Desviar, subtrair, furtar, surripiar; meter a mão em. (AURÉLIO)

“Cangalha não acharam aparelhada, estão *passaram a mão* numa alheia, jogada no alpendrim de uma casa fechada, ...” (M.M.M., p.126)

ILDAE no (AURÉLIO), no (CABRAL) e no (SERAINÉ). *ILND* no (HOUAISS), no (MICHAELIS) e no (GIRÃO).

PÉ-DE-VENTO *exp.*

Ventania repentina, de curta duração. (AURÉLIO)

“...João Rufo me dizia que o pobre do Beato estava tão fraco que até um *pé-de-vento* era capaz de dar com ele em terra.” (M.M.M., p.369)

N.L.:1. Em Cabral (1982, p.750), encontramos esta expressão com o sentido de ‘ventania forte e súbita’. 2. Em Girão (2000, p.290), encontramos o sentido de ‘ventania violenta’.

ILDAE no (AURÉLIO), no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* no (HOUAISS), no (MICHAELIS) e no (SERAINÉ).

PISAR DE CAÇULA *exp.*

V.L. *pilar* (AURÉLIO)

Ato ou efeito de duas pessoas pisarem no pilão, ao mesmo tempo, de maneira alternada. (SOUZA, 2013)

“Pilador não era difícil, todo mundo ali era acostumado a *pisar* milho *de caçula*; duas pessoas, cada uma com a sua mão de pilão, batendo de feição: quando uma ia com a mão pro alto a outra descia.” (M.M.M., p. 329)

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua. *ILND* nos três Dicionários de regionalismos.

PLANTAR A LÍNGUA *exp.*

Falar mal de alguém, difamar. (SOUZA, 2013)

“Pouco tempo passado que Pai morreu, quando Mãe começou a amizade com o Liberato e o povo *plantou-lhe a língua*, eu só sentia vergonha e raiva...” (M.M.M., p.121)

N.L. Expressão não encontrada em nenhum dos Dicionários consultados. É, portanto, um neologismo.

ILND em nenhum dos Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

POLVARIM *s.m.*

Utensílio onde se leva pólvora para a caça. (AURÉLIO)

“Os dois vinham cada um com o seu *polvarim* de chifre, chumbo grosso e fino, num saco;...” (M.M.M., p.41)

N.L.: Polvarim é variação fonética de polvarinho ou povarinho ambas as forma encontradas em Cabral (1982, p.613) significando polvorinho. No Aurélio, no Houaiss e no Michaelis Eletrônicos encontramos a forma polvorinho.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua e no (CABRAL). *ILND* no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

PRA MOLHAR O CUSPE *exp.*

Em quantidade mínima. (SOUZA, 2013)

“João riu: - Só vai dar *pra molhar o cuspe*. Um gole pra cada um.” (M.M.M., p.43)

N.L. Expressão não registrada em nenhum dos Dicionários consultados. É, portanto, um neologismo.

ILND em nenhum dos Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

PRIVANÇA *s.f.*

Intimidade. (AURÉLIO)

“Protegia (de costas) as minhas retiradas para o mato, para as minhas *privanças*. Até mesmo para eu mudar de roupa.” (M.M.M., p.260)

N.L. Item lexical não registrado em nenhum dos Dicionários de regionalismo. Acredita-se pertencer ao linguajar popular.

ILDAE no (AURÉLIO) e no (HOUAISS). *ILND* no (*MICHAELIS*) e nos três Dicionários de regionalismos.

QUEM QUER A CABRA PRENDE O CABRITO *exp.*

Quem deseja conseguir algo, deve ser prevenido. (SOUZA, 2013)

“Decerto tinham soltado a mãe para ir pastar, mantendo a cria presa; não diz que *quem quer a cabra prende o cabrito*? “ (M.M.M., p.231)

N.L. Expressão não dicionarizada em nenhuma das obras consultadas. É, portanto, um neologismo.

ILND em nenhum dos Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

REMOQUE *s.m.*

Insinuação indireta e maliciosa. (AURÉLIO)

“Eu passava dias e noites nessa confusão de pensamento. E quando ia me alegrando, lá vinha a desconfiança, ou os *remoques* da Firma.” (M.M.M., p.129)

N.L. Item lexical não registrado em nenhum dos Dicionários de regionalismo. Acredita-se, portanto, pertencer ao linguajar popular.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua. *ILND* nos três Dicionários de regionalismos.

SURJÃO *s.m.*

V.L. Forma alterada de *cirurgião* (SOUZA, 2013)

Médico que se dedica à prática da cirurgia (p.ex., um veterinário, um dentista). (Adaptado do HOUAISS)

“Está estudando. Diz que vai ser doutor médico, *surjão*.” (M.M.M., p.315)

N.L. Trata-se de um neologismo por não estar registrado em nenhuma das obras lexicográficas da Língua Portuguesa tomadas como referência nesta pesquisa.

ILND em nenhum dos Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

TACO *s.m.*

Bocado, pedaço, tico. (AURÉLIO)

“Derreteram na caneca uma banda de rapadura que Zé Soldado tinha trazido no bisaco ‘pra roer um *taco* na hora da sentinela.’” (M.M.M., p.81)

N.L. (HOUAISS) afirma ser um regionalismo do Nordeste e de uso informal.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua, no (CABRAL) e no (GIRÃO). *ILND* no (SERAINÉ).

TER CABELOS NAS VENTAS *exp.*

V.L. *ter cabelinho na venta* (SILVEIRA, 2010, p.822)

Ter muito gênio; ser de mau gênio, irritável, atrevido; ter mau feitio; ser ríspido. (SILVEIRA, 2010, p.822)

“A Moura nos enxotou a nós, mas com a autoridade ia ser diferente. Com autoridade, *cabelo na venta* não vale.” (M.M.M., p.53)

“Aquela bichinha é de *cabelo na venta*, bem capaz de botar eles pra correr.” (M.M.M., p.46)

ILDAE somente no (SILVEIRA, 2010). *ILND* em nenhum dos Dicionários padrão de língua, bem como naqueles de regionalismos.

TER TENÊNCIA *exp.*

Ter prudência; acautelar-se. (SERAINÉ, 1991, p.366)

“Eu e ela não se passava de uns meninos, mas já se *tinha tenência*.” (M.M.M., p.241)

Ver *tomar tenência*

N.L. 1. Forma alterada de ‘*tomar tenência*’. (SOUZA, 2013) 2. Termo não encontrado nos Dicionários padrão de língua. Acredita-se pertencer ao linguajar regional popular.

ILDAE nos três Dicionários de regionalismos. *ILND* nos três Dicionários padrão de língua.

TERNANTONTE *adv.*

V.L. *trasantonte, trasanteontem* (CABRAL, 1982, p.710)

“...dizia ele que ‘*ternantonte*’ lhe apareceu um homem na estrada, quando ele saía do pátio, levar os cavalos pro cercado.” (M.M.M., p.370)

N.L.:1 – Ternantonte é variação fonética de Trasanteontem. No (AURÉLIO) encontramos a definição de trasanteontem como sendo: No dia anterior ao de anteontem.

ILDAE no (CABRAL) e no (AURÉLIO). *ILND* no (HOUAISS), no (MICHAELIS), no (GIRÃO) e no (SERAINÉ).

TOSTÃO *s.m.*

Qualquer soma, definida ou indefinida, de dinheiro. (AURÉLIO)

“É o último *tostão* que me sai da bolsa, João.” (M.M.M., p.126)

N.L. Item lexical não encontrado nos Dicionários de regionalismo. Acredita-se pertencer à linguagem popular.

ILDAE nos três Dicionários padrão de língua. *ILND* nos três Dicionários de regionalismos.

UNHA-DE-GATO *s.f.*

Designação comum a várias espécies dos gêneros *Mimosa* e *Acácia*, da família das leguminosas, providas de acúleos pungentes que rasgam a roupa e ferem a pele com facilidade. (AURÉLIO)

“... fugir da mataria fechada, principalmente mato de alagadiço, que só tem jurema e *unha-de-gato*, com os seus espinhos cortando a cara e as mãos dos cavaleiros.” (M.M.M., p.229)

N.L. (HOUAISS) apresenta como sinônimo *espinho-de-maricá* (*Mimosa bimucronata*).

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS), no (CABRAL) e no (SERAINÉ). *ILND* no (MICHAELIS) e no (SERAINÉ).

URUPEMA *s.f.*

V.L. *urupemba*, *gurupema* e *jurupem* (AURÉLIO); (CABRAL, 1982, p.740) apresenta também: *arupema* e *rupemba*; (SERAINÉ, 1991, p.386) apresenta ainda a forma *arupemba*.

Espécie de peneira de fibra vegetal para utilidades culinárias; sururuca. (AURÉLIO)

“Marialva, sentada num banco, debaixo do alpendre, debulhava numa *urupema* um molho de feijão verde da horta do Beato.” (M.M.M., p.391)

ILDAE em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

VASQUEIRO *adj.*

Difícil de conseguir, de alcançar, de encontrar. (HOUAISS)

“– Ah, pode crer, tudo vai dar certo, Duarte. Nesta casa, mão-de-obra de mulher anda muito *vasqueira*.” (M.M.M., p.301)

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS) e nos três Dicionários de regionalismos. *ILND* no (MICHAELIS).

VAZIO *s.m.*

A virilha dos animais de maior porte ou, por detração, do homem. (CABRAL,1982, p.746)

“Basta dizer, por exemplo, que estranhou tanto a cela de andilha, pra montar de lado, que vivia só querendo cair, se queixando de uma dor no *vazio*.” (M.M.M.,p.142)

N.L.: Cabral (1982, p.746) apresenta a variante vazilho_Seraine (1991, p.390) dá como definição: flanco e circunvizinhança até a região do hipocôndrio. A firma ser uma linguagem plebéia e rural. Pl. ilhargas (doanimal). Uso popular corrente de acento plebeu.

ILDAE em todos os Dicionários consultados, seja naqueles padrão de língua, seja naqueles de regionalismos.

VERSIDADE *s.f.*

V.L. *diversidade* (HOUAISS)

“Soldado, em campanha, só anda com comboio atrás, carregando toda *versidadede* abastecimento.” (M.M.M., p.87)

N.L. 1. (HOUAISS) afirma ser um regionalismo do Nordeste. 2. (SERAINÉ, 1991, p.394) aponta como sendo de uso plebeu e rural.

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS) e nos três Dicionários de regionalismos. *ILND* no (MICHAELIS).

VIVER DA MÃO PRA BOCA *exp.*

Ter de trabalhar de manhã para comer de tarde. (SILVEIRA, 2010, p.923)

“- Aqui não tem vizinhança; Não tem onde se comprar nada. A gente *vive da mão pra boca*.” (M.M.M., p.117)

N.L. Item lexical registrado somente em (SILVEIRA, 2010, p.923). Acredita-se ser de muito pouco uso. (SOUZA, 2013)

ILND nos três Dicionários padrão de língua, bem como naqueles de regionalismos.

ZAROLHO *adj.*

V.L. *zanoi* (ou *zanolho*) (CABRAL, 1982, p.766)

Diz-se de pastagem quando começa a amadurecer. (Adaptado de HOUAISS)

“Saí do caminho, puxando o Veneno pela rédea, meti-me pelo mato já **zarolho**, àquela altura de julho.” (M.M.M., p.7)

N.L.: 1 – Em Seraine (1991, p.404), há a definição de zarolho como “o mato que na quadra começa a ressentir-se dos ardores do sol. Uso sertanejo, rural.

ILDAE no (AURÉLIO), no (HOUAISS) e nos três Dicionários de regionalismos. *ILDAC* no (MICHAELIS).

Considerações finais

A indissociabilidade entre língua cultura e sociedade ficou bem destacada na nossa proposta de glossário que foi desenvolvido sobre os fundamentos da Lexicologia e da Lexicografia, numa perspectiva Etnolinguística, numa tentativa de reunir num só trabalho grande parte do linguajar regional-popular encontrado no romance *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz.

Muitas foram as fontes teóricas que embasaram este trabalho, no âmbito da Lexicologia, da Dialectologia, da Sociolinguística, da Etnolinguística, dentre outras ciências voltadas para o léxico. É desnecessário dizer que os dicionários foram fontes diretas e indispensáveis para a construção da nossa proposta de glossário, razão pela qual resolvemos classificá-los em dois grupos principais: os Dicionários padrão de língua e os Dicionários de regionalismos, onde também incluímos.¹⁹

Daí assegurarmos que a linguagem regional-popular no romance *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz apresenta marcas linguísticas que o identificam com a sociedade nordestina, de modo especial, com a cearense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aragão, M. S. S. de. 2006. *Motivações significativas de itens lexicais da linguagem regional-popular nos atlas lingüísticos regionais brasileiros*. Disponível em

19 Aqueles Dicionários não-padrão de língua, obras lexicográficas que não se enquadram nem como Dicionários padrão de língua nem como Dicionários de regionalismos, quais sejam: *Locuções tradicionais no Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo; *Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa*, de José Alves Fernandes; *Adagiário brasileiro*, de Leonardo Mota; *Dicionário de Provérbios: francês, português, inglês*, de Roberto Cortes de Lacerda et al.; *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa: riqueza idiomática das frases verbais: uma hiperoficina de gírias e outros modismos luso-brasileiros*, de João Gomes da Siveira; *Tesouro da fraseologia brasileira*, de Antenor Nascentes.

<www.profala.ufc.br/ProjetoMotivaçõesSignificativas.pdf>. Acesso em 02.03.2012.

Barbosa, Maria Aparecida. 1989. Da macroestrutura dos vocabulários técnico-científicos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL - IV. *Anais*. São Paulo: PUC, 1989, 26-28 de julho, p. 567-578.

_____. 1991a. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. In: SEMINÁRIO DO GEL – XXXIX. *Anais...* Franca: UNIFRAN, p.1-11.

_____. 1991b. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. SEMINÁRIO DO GEL – XXXIX. *Anais...* Franca: UNIFRAN, p.182-189.

Barros, Lidia Almeida. 2004. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Biderman, Maria Tereza Camargo. 1981. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. Homenagem a Isaac Nicolau Salum, São Paulo: T.A.Queiroz/Edusp.

_____. 2001. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: Oliveira, A. M. P.; Isquierdo, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, p.129-142.

_____. 2001. *Teoria lingüística: lingüística qualitativa e computacional*. São Paulo: Martins Fontes.

Carvalho, N. 2001. Léxico, cultura e publicidade. In: *Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 5.*, 2001, Rio de Janeiro. Livro de resumos. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de estudos filológicos e linguísticos, n2, (s/p).

Isquierdo, Aparecida Negri. 1998. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: Oliveira, Ana Maria Pinto Pires de. ; Isquierdo, Aparecida Negri; Finato, (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS.

Krieger, Maria da Graça et al. 2006. *Glossário de gestão ambiental*. São Paulo: Disal.

Proença Filho, Domício. 1986. *A linguagem literária*. São Paulo: Editora Ática.

Souza, Carlos Alberto de. 2013. *A Linguagem regional-popular nos romances de Rachel de Queiroz*. Tese(Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Dicionários

Cabral, Tomé. 1982. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Edições UFC.

Cascudo, Luís da Câmara. 1977. *Locuções tradicionais no Brasil*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Fernandes, José Alves. 2000. *Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa*. Fortaleza: EUFC.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. 1999. *Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI versão 3.0*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática.

Girão, Raimundo. 2000. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.

Houaiss, Antônio. 2009. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 3.0*. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda. Disponível em: <<http://www.google.com.br/#hl=ptBR&output=>> Acesso em 27.03.2013.

Lacerda, Roberto Cortes de; Lacerda, Helena da Rosa Cortes de; Abreu, Estela dos Santos. 2000. *Dicionário de Provérbios: francês, português, inglês*. Lisboa: Contexto Editora, Ltda.

Michaelis. 1998. *Dicionário Eletrônico versão 5.0*. Rio de Janeiro: DTS Software Ltda.

Mota, Leonardo. 1987. *Adagiário brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Nascentes, Antenor. 1986. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3 ed. rev.

Seraine, Florival. 1991. *Dicionário de termos populares – registrados no Ceará*. Fortaleza: Stylus.

Silveira, João Gomes da. 2010. *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa: riqueza idiomática das frases verbais: uma hiperoficina de gírias e outros modismos luso-brasileiros*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

AS EXPRESSÕES SINTAGMÁTICAS NO DICIONÁRIO HISTÓRICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL (DHPB)

Odair Luiz NADIN²⁰

Clotilde de Almeida Azevedo MURAKAWA²¹

RESUMO

O Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII (DHPB) é uma importante obra da Lexicografia brasileira, ainda inédita, idealizada e iniciada pela Profa. Dra. Maria Tereza Camargo Biderman e concluída sob a coordenação da Profa. Dra. Clotilde de Almeida de Azevedo Murakawa. Essa obra reúne um conjunto de dez mil verbetes elaborados a partir de um *corpus* com textos produzidos no Brasil e sobre o Brasil durante os séculos em questão. Dentre as inúmeras informações presentes em seus verbetes, essa obra registra também o que se denominou “expressões sintagmáticas”. Entendemos, em nossa pesquisa, essas expressões no âmbito da Fraseologia. A Fraseologia é “um dos ramos das ciências da palavra que tem por objeto de estudo as “unidades lexicais’ constituídas de dois ou mais vocábulos ou de sintagmas ou de frases [...]” (BARBOSA, 2012, p. 491). Assim, essa pesquisa tem por objetivo analisar as unidades ditas sintagmáticas arroladas no DHPB. Por questões metodológicas, limitar-nos-emos às denominadas “expressões sintagmáticas” formadas a partir de um verbo (*dar as costas, falar aos cotovelos, fazer das tripas coração etc.*) e que possuam algum de seus significados usados atualmente no Português do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionário Histórico; Expressões Sintagmáticas; Fraseologia; Português do Brasil.

Introdução

*En un principio surgió la palabra;
pero más tarde, surgió otra; y,
algo más tarde, ambas se combinaron.
(MOLINA GARCÍA, 2006:1)*

20 UNESP. Faculdade de Ciências e Letras. Departamento de Letras Modernas. Faculdade de Ciências e Letras. Rod. Araraquara-Jaú Km 1. Bairro: Machados. CEP: 14800-901. Araraquara. São Paulo. Brasil. odairnadin@fclar.unesp.br

21 UNESP. Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras. Rod. Araraquara-Jaú Km 1. Bairro: Machados. CEP: 14800-901. Araraquara. São Paulo. Brasil. jtm.jau@uol.com.br

É, pois, sobre essa “combinação das palavras” à qual faz referência Molina Garcia (2006) que trata o presente texto. Nosso objetivo é descrever e analisar o registro dessas “combinações” em um dicionário histórico. Entendemos, no presente artigo, “combinações” no sentido primeiro da palavra, qual seja, o de ação ou resultado de combinar ou combinar-se, agrupar. No caso de nosso objeto de análise, a palavra, duas ou mais que se combinam e formam expressões idiomáticas, refrões, adágios, ditados populares, provérbios etc., isto é, fraseologismos.

A obra analisada é o **Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII**²² (doravante DHPB). Este Dicionário é uma importante obra da Lexicografia brasileira, ainda inédita, idealizada e iniciada pela Profa. Dra. Maria Tereza Camargo Biderman e concluída sob a coordenação da Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. Essa obra reúne um conjunto de dez mil verbetes elaborados a partir de um *corpus*²³ com textos produzidos no Brasil e sobre o Brasil durante os séculos em questão. O primeiro documento considerado foi a *Carta* de Pero Vaz de Caminha sobre o “descobrimento do Brasil”, escrita em 1º de maio de 1500 e os últimos documentos foram os de 1808, data da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil.

Dentre as inúmeras e relevantes informações presentes em sua *macro* e *microestrutura*, o DHPB registra em seus verbetes também o que se denominou “expressões sintagmáticas”, embora este não fosse o objetivo primeiro do projeto, de acordo com Murakawa (2015:172).

Conforme a busca ao banco de dados foi progredindo, percebeu-se a importância e a necessidade de se registrar expressões sintagmáticas e locuções. Num primeiro momento, tal informação não tinha sido levada em conta, mas ao longo da pesquisa, verificou-se que o registro dos fraseologismos era um resgate que se fazia de formas linguísticas já desusadas, de outras desconhecidas e de **tantas outras tão usuais ainda, que fazem pensar que são expressões recentes mas que na verdade já estavam documentadas nos séculos XVI, XVII e XVIII.** (grifo nosso).

22 O projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio do Edital Programa Institutos do Milênio (2005). (<http://www.cnpq.br/web/guest/institutos-do-milenio>).

23 Para a construção desta obra lexicográfica de caráter histórico, foi montado um banco de dados de aproximadamente 10 milhões de ocorrências, inseridas em textos/documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII sobre o Brasil num total de 31.667 páginas escaneadas e processadas, dos mais variados gêneros, [...]. (Murakawa, 2013:84).

Neste texto, tratamos, mais especificamente, de uma amostra dessas “tantas outras” expressões usuais atualmente e que estão documentadas nos três séculos primeiros do Português do Brasil (doravante PB). Entendemos, em nossa pesquisa, essas expressões no âmbito da Fraseologia. A Fraseologia é “um dos ramos das ciências da palavra que tem por objeto de estudo as ‘unidades lexicais’ constituídas de dois ou mais vocábulos ou de sintagmas ou de frases [...]” (Barbosa, 2012:491).

Assim, essa pesquisa tem por objetivo analisar as unidades registradas como “expressões sintagmáticas” no DHPB (*dar as costas, falar aos cotovelos, fazer das tripas coração etc.*) formadas a partir de um verbo e que possuam algum de seus significados usados atualmente no Português do Brasil.

1. Fraseologia e fraseologismos

A Fraseologia é uma instigante área das Ciências do Léxico na qual se estudam as diferentes formas de manifestação linguística expressas pela combinação de duas ou mais unidades léxicas: os fraseologismos. Neste texto, entendemos Fraseologia e fraseologismos em um sentido *latu sensu*, ou seja, que engloba como objeto de descrição e análise todas aquelas unidades formadas por dois ou mais vocábulos, sintagmas ou frases (Barbosa, 2012).

Entretanto, como já observado por muitos pesquisadores (Ortiz Álvarez; Huelva Unternbäumen, 2011; Xatara, Ortíz Álvarez, 2012), esse entendimento sobre o alcance teórico-metodológico da Fraseologia não é ainda consenso entre os estudiosos. Há, entre eles, inúmeras divergências tanto terminológicas quanto com relação ao(s) objeto(s) de descrição e análise.

Ortiz Álvarez e Huelva Unternbäumen (2011:15), por exemplo, observam que “Há autores que consideram que os estudos fraseológicos abarcam os provérbios, locuções, gírias, colocações, frases feitas, aforismos etc. Ao passo que outros autores limitam esse estudo às expressões idiomáticas (EIs), sem que seja estabelecida, com clareza, nenhuma diferenciação entre esses termos”.

Bevilacqua (1996:9), nos anos 90, já chamava a atenção para esta questão.

Para alguns autores, a fraseologia limita-se às expressões idiomáticas próprias de uma língua; outros consideram que ela inclui os provérbios, os

ditos, as locuções e as lexias compostas. Há ainda quem considere que tais unidades possuam tamanhos extremamente variáveis, podendo incluir palavras, grupos de palavras, de termos, locuções, expressões, orações, seguimentos de frases, frases, conjunto de frases e assim por diante.

Esta também era, nos anos 90, a opinião de Corpas Pastor (1996:16). A autora trazia para discussão os limites da Fraseologia e afirmava: “Os linguistas não entram em acordo sobre qual deva ser o termo geral que abranja tais fenômenos [...] nem sobre a classificação que se deve empregar em suas análises”²⁴ e acrescenta que sua “concepção de fraseologia é mais ampla porque inclui todas [...] combinações que apresentam as características” [...] que destacamos em negrito na citação abaixo:

[...] são unidades léxicas **formadas por mais de duas palavras gráficas em seu nível inferior**, cujo limite **superior se situa no nível da oração composta**. Ditas unidades se caracterizam por sua **alta frequência** de uso, e de **co-ocorrência** de seus elementos integrantes; por sua **institucionalização**, entendida em termos de **fixação e especialização semântica**; por sua **idiomaticidade** e **variação potenciais**; assim como pelo grau no qual se dão todos esses aspectos nos diferentes tipos.²⁵ (Corpas Pastor, 1996:20. Grifos nossos).

Para a análise que desenvolvemos neste trabalho, não entraremos na discussão sobre as divergências existentes sobre a Fraseologia, seu objeto de estudo e seu campo de abrangência.²⁶ Nosso objetivo, como dito anteriormente, é identificar e analisar as expressões registradas no DHPB sob a denominação “Expressões Sintagmáticas” e entre elas encontram-se todos os tipos de expressões formadas por duas ou mais palavras. Por isso, partimos da concepção mais geral apresentada por Corpas Pastor (1996).

24 El término fraseología, al igual que los fenómenos léxicos individuales a los que denomina en general, no está libre de controversia. Los lingüistas no se ponen de acuerdo sobre cuál deba ser el término general que abarque tales fenómenos, y mucho menos aún, sobre la clasificación que se deba emplear en su análisis. (Corpas Pastor, 1996:20).

25 [...] son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomática y variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos esos aspectos en los distintos tipos. (Corpas Pastor, 1996:20).

26 Sobre esse tema, ver, por exemplo: Ortiz Álvarez; Huelva Unternbäumen (2011), Xatara; Ortiz Álvarez (2012).

2. Metodologia

A primeira etapa da pesquisa consistiu em buscar no DHPB,²⁷ por meio da palavra-chave “expressões sintagmáticas” todas as unidades registradas sob essa etiqueta. Identificamos centenas de unidades, como as que apresentamos no quadro abaixo:

Quadro 1: Exemplos de unidades registradas no DHPB sob a etiqueta “expressões sintagmáticas”.

água bendita	aves de agouro
água de flor de laranja	ato de confissão
ajuste de contas	comércio ativo
aceitação da herança	livre-arbítrio
ácido vitriólico	bater nos peitos
cozinhar gato por lebre	falar aos cotovelos

Desse conjunto geral de unidades, selecionamos aquelas formadas a partir de um verbo. Identificamos quatrocentas unidades que atendiam a esse requisito. Selecionamos, assim, aquelas que nos pareciam comuns, que talvez fossem usadas atualmente.

Para a confirmação do uso no PB atual, fizemos uma pesquisa pelo buscador *Google*, atentando-nos para o fato de que as páginas nas quais ocorressem as expressões pertencessem ao domínio *.br*. Esclarecemos que não se trata de um trabalho quantitativo, embora tenhamos considerado as expressões que tivessem certa frequência no PB atual. Apresentamos, na sequência, alguns desses casos.

3. As “Expressões Sintagmáticas” no Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB).

Como antecipamos na introdução deste texto, não era, inicialmente, o propósito do projeto do DHPB o registro de fraseologismos. Entretanto, dada à riqueza imensurável do *corpus*, bem como dos dados nele identificados, verificou-se não só a pertinência do registro dessas unidades, mas também a necessidade de tal registro como pudemos observar nas palavras de Murakawa (2015) supracitadas. Assim, selecionamos dez exemplos que discutimos na sequência.

27 Queremos agradecer publicamente à Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, coordenadora do DHPB e coautora do presente artigo, por nos permitir o acesso a essa relevante e inédita obra para a História do Português do Brasil.

Ex. 1: bater nos peitos

O DHPB inclui esta expressão, marcada no plural **nos peitos**, com três acepções: 1. arrepender-se; 2. vangloriar-se e; 3. ameaçar, registradas, respectivamente, nos séculos XVIII (1707), XVI (1560) e XVIII (1770).

Bater nos peitos

1. Arrepender-se.

E tendo já o enfermo perdido o juizo, ou estando em estado, q nem por palavra, final, ou aceno poffa declarar peccado algum, fe elle em preferença do Confellor der linhas de contrição, ou lhe contar por relação ao menos de hũa peíca que lhos velle, ou ouville dar; allim como fe levantou as mãos a Deos, ou **bateo nos peytos**, ou claramente pedio perdão de feus peccados, antes de perder a falla, ou juizo, ou fez actos femelhâtes, o Cõfellor o ablova logo das centuras, & peccados [...]. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707]. LIVRO PRIMEYRO DAS CONSTITUIÇOENS DO ARCEBISPADO DA BAHIA [A00_2466-003 p. 84].

2. Vangloriar-se.

[...] ho vigairo de permãobuquo mandarra fazer hum auto disto e doutras cousas d elle dito monsjor de boles segundo elle testemunha ouujo dizer e dise elle testemunha que ouujra dizer que estando na jgreja em permãobuqo aos officios diujnos nunqua tiraua o dito monsjor de boles o barrete ou gora nem quando aleuãotauão ho Santo Sacramento **batja nos peitos** do que a gente da dita ulla o tinha a mail e ho tachauão e asj mais ouujo elle testemunha dizer que ho mesmo fazia em são visente [...]. JOÃO DE BOLÉS (1804) [1560]. PROCESSO DE JOÃO DE BOLÉS E JUSTIFICAÇÃO REQUERIDA PELO MESMO (1560 - 1564) [A00_0827 p. 224].

3. Ameaçar.

Ocorreu a Bento de Siqueira, soldado curitibano, que se achava na canoa, o pôr-se de joelhos, e **bater**-lhe as palmas, com o que suspenderam o ímpeto; e porque os soldados logo botaram a canoa para o largo, mostravam eles os indios as frechas, e os chamavam com ãa nunca vista língua; mas vendo, que lhes fugiam, muito irritados **batiam nos peitos** ameaçando.. AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA (1962) [1770]. CÓPIA DA CARTA DO TENENTE CÂNDIDO XAVIER ESCRITA DO PÔRTO DE NOSSA SENHORA DA VICTÓRIA A 24 DE OUTUBRO DE 1770 A AFONSO BOTELHO [A00_2285 p. 128].

(DHPB)

Ao pesquisar, por meio do *Google*, possíveis ocorrências dessa expressão no PB atual, observamos que com a marca do plural (nos peitos) a expressão, embora com alguma frequência, ocorre em sua maioria em *sites* de dicionários, em exames de vestibulares e concursos públicos em geral a partir da reprodução de obras literárias ou, ainda, no sentido literal de ‘golpear os peitos’. Há poucas ocorrências nos sentidos registrados no DHPB e, dentre as três registradas, a mais frequente parece ser com o sentido de ‘vangloriar-se’ como podemos observar no contexto abaixo em que o autor, ao se referir ao evento Rio+20 observa:

1. Parecia que a discussão e a busca de soluções para os problemas do planeta tinham sido deixadas de lado em vários momentos. O chique era tirar foto, plantar mudinhas e **bater nos peitos**²⁸ “sou defensor do meio ambiente”. (Uma opinião sincera sobre a Rio+20...21/06/2012. Disponível

28 Os grifos e negritos nos exemplos citados são nossos.

em: <<http://www.futebolecialtda.com.br/2012/06/uma-opiniao-sincera-sobre-rio20.html>>. Acesso em: 20/12/2015).

Entretanto, se eliminamos a forma plural, a ocorrência da expressão ‘bater no peito’ apresenta frequência bastante significativa no uso do PB atual como podemos observar nos contextos abaixo relativos aos discursos do futebol e da política. No exemplo 2 é evidente o significado de ‘vangloriar-se’ registrado pelo DHPB. Nos exemplos 3 e 4, no entanto, os significados não estão relacionados com os três registrados no DHPB. Parece-nos que estes exemplos possuem o significado de ‘chamar para si’ certa responsabilidade. Ambos os contextos estão relacionados ao futebol e possuem na sequência o verbo ‘assumir’, o que pode corroborar a hipótese de que, além de manter o significado de ‘vangloriar-se’ cujo uso foi registrado no DHPB no século XVI, esta expressão adquiriu no PB atual outro significado, o de ‘chamar para si/assumir a responsabilidade sobre determinado fato ou ação’.

2. “Vocês terão o orgulho de **bater no peito** e dizer: Augustão, este me representa”. (Entrevista com o pré-candidato a prefeito Carlos Augusto (Augustão). 03/11/2015. Disponível em: <<http://diarioilheus.com.br/blog/ilheus/voces-terao-o-orgulho-de-bater-no-peito-e-dizer-augustao-este-me-representa/>>. Acesso em: 15/11/2015).

3. O momento é ruim, temos que **bater no peito** e assumir que só a gente pode virar esse jogo. (Globo Esporte. 07/06/2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/criciuma/noticia/2015/06/lucca-pede-personalidade-ao-tigre-temos-que-bater-no-peito-e-assumir.html>>. Acesso em: 05/12/2015).

4. "Ele tende a evoluir, tem de **bater no peito** e assumir essa responsabilidade de ser titular do São Paulo. (18/02/2013. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/sao-paulo/tricolores-confiam-mas-ney-cobraganso-tem-que-bater-no-peito,71242a9c774ec310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 05/12/2015).

Não encontramos exemplos do PB atual com os significados de ‘arrepender-se’ e ‘ameaçar’ registrados no DHPB.

Ex. 2: comprar/vender/cozinhar gato por lebre

O DHPB registra essa expressão formada pelo verbo ‘vender’ e ‘cozinhar’. No primeiro caso – **vender gato por lebre** – segundo este dicionário tem o sentido de “Dar

uma coisa por outra de modo fraudulento” e foi usada, por exemplo, no século XVIII por Alvarez de Araujo em cartas escritas na Bahia e enviadas a Lisboa.

No segundo caso – **cozinhar gato por lebre** – possui o significado não de enganar alguém, mas de enganar a si mesmo. O DHPB registra este uso por Pe. João Daniel também no século XVIII.

<p>Vender gato por lebre Dar uma coisa por outra de modo fraudulento. [...] e a repario dando ao Rio Real 14 pessoas q. trouxe a esta, o na verd^d que me da em que entender as compras q. VM. fazem nessa deixando sse enganar de q^m vende gato por lebre como vi na Rabeca q. tinha os ossos mais galeiados q. os meus; [...]. Bar ALVREZ DE ARAUJO (1973) [1716], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-BAHIA [A00_0420 p. 71].</p>	<p>Cozinhar gato por lebre Enganar-se. [...] porque muitas vezes se aplicam nas occasiões ùas por outras com notável damno dos enfermos, os quaes se deviam acautelar nos herbulários, fazendo especial estudo em declarar os diversos nomes, que tem em diversas regiões as ervas, e plantas, de que tratam, para que não se cozinhe gato por lebre. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS - TRATADO TERCEIRO - DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA - CAP. 6º - DE ALGUMAS ERVAS MAIS NOTÁVEIS DO AMAZONAS [A00_1866 p. 375].</p>
--	---

No PB atual, encontramos a expressão com o sentido de enganar ou enganar-se, sempre relacionado a algum tipo de fraude, formada com o verbo ‘vender’, como as registradas no século XVIII e com o verbo ‘comprar’. Não encontramos exemplos com o verbo ‘cozinhar’, assim como não está registrada no DHPB a expressão formada com o verbo ‘comprar’.

5. **Comprar ‘gato por lebre’**, ou num caso inusitado no Rio de Janeiro, pedigree por vira-lata. No fim do ano passado uma família carioca foi atraída por um anúncio na internet que oferecia dois filhotes de cães da raça yorkshire por R\$ 700. Os animais ainda teriam pedigree comprovado. Ao chegar na casa, o cãozinho começou a passar mal e foi levado a um veterinário. O filhotinho, na verdade, era um vira-lata e tinha sido pintado para parecer um cachorro de raça. Disponível em: <<http://economia.terra.com.br/direitos-do-consumidor/gato-por-lebre-o-que-fazer-se-um-anuncio-for-enganoso,3c5d7e3b6ac2b410VgnVCM20000099ccb0aRCRD.html>>. Acesso em: 15/12/2012.

6. **Comprar gato por lebre** é algo que é muito mais comum do que se imagina. Pode-se comprar gato por lebre em qualquer área da vida. Dos negócios, à política, ao casamento, aos livros e notícias que se lê. É decorrente de uma interpretação e avaliação mal feitas de uma situação, entre outras coisas, em função da ilusão de benefícios inexistentes ou da não identificação de custos ocultos. 09/06/2015. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/cuidado-para-nao-comprar-gato-por-lebre-pois-voce-pode-se-dar-muito-mal/87871/>>. Acesso em: 15/12/2012.

7. O cientista político André Singer afirma, em texto publicado neste sábado (26) na Folha que "os adeptos da tese do impeachment têm se aproveitado da Lava Jato para **vender gato por lebre**"; [...]. 26/09/2015. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/poder/198495/Singer-golpistas-tentam-atrelar-impeachment-%C3%A0-Lava-Jato.htm>>. Acesso em: 15/12/2015.

8. “**Vender gato por lebre**” não é uma prática incomum em alguns estabelecimentos comerciais brasileiros, que lucram enganando o consumidor. 2015. Disponível em: <<http://www.revista.pucminas.br/materia/vendendo-gato-por-lebre/>>. Acesso em: 15/12/2015.

Ex. 3: dar as costas

Esta expressão está registrada no DHPB com o significado de “afastar-se, retirar-se, fugir” e possui quatro variantes: *dar as costas*, *dar costas*, *virar as costas* e *voltar as costas*. Todas, segundo o dicionário, com o mesmo significado. Com o verbo ‘dar’ e o verbo ‘virar’, esta expressão foi registrada no século XVIII e com o verbo ‘voltar’ já havia o uso no século XVII nos sermões do Padre Vieira, como podemos observar nos verbetes do DHPB citados abaixo.

<p>Dar as costas Afastar-se; retirar-se; fugir. Fosse pelo motivo que fosse, eles, paulistas, sem passarem do Rio das Mortes, depois de quatro dias e quatro noites de marcial contenda, desfeito o bloqueio, deram costas, deixando abatida pela fuga aquela soberba com que, alivos, entraram a ela [...]. CAETANO DA COSTA MATOSO [1749], 8 - [HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES, SUA DESCRIÇÃO, DESCOBRIMENTO DAS SUAS MINAS, CASOS NELE ACONTECIDOS ENTRE PAULISTAS E EMBOABAS E EREÇÃO DAS SUAS VILAS] [A00_0965 p. 239].</p>	<p>Dar costas O mesmo que <i>dar as costas</i>. Dando finalmente costas ao mundo, e dirigindo a rosto firme seus passos ao ceo, vestio o habito descuberto da terceira ordem de S. Francisco. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO [1757], LIVRO QUARTO - PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM VIRTUDES / CAP XXVI—CONTINUAM AS MEMORIAS DE OUTROS VAROENS ILLUSTRES EM SANTIDADE, QUE PELA HABITAÇÃO SE FIZERÃO NATURAES DE PERNAMBUCO. N. 209 [A00_0680 p. 352].</p>
<p>Virar as costas O mesmo que <i>dar as costas</i>. [...] porque para averiguar o successo não esperou pelo tempo, que tudo apura, nem buscou a razão que tudo manifesta, mas com cega precipitação abraçou a mentira, virou as costas a verdade, e atropelou a innocencia [...]. FR. DOMINGOS DE LORETO COUTO [1757], LIVRO SETIMO - PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELO SEXO FEMENINO [A00_0824 p. 125].</p>	<p>Voltar as costas O mesmo que <i>dar as costas</i>. Os que tão costumados eramos a vencer e triumphar, não por fracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos [...]. PADRE ANTONIO VIEIRA [1640], SERMÃO PELO BOM SUCCESSO DAS ARMAS DE PORTUGAL CONTRA AS DE HOLLANDA. [A00_1051 p. 303].</p>

No PB atual, não nos pareceu uma expressão frequente. Encontramos exemplos com o verbo ‘dar’ seguindo a mesma estrutura registrada pelo DHPB no século XVIII, verbo mais complemento – *dar as costas*. As outras formas não encontramos.

9. A senadora Fátima Bezerra (PT-RN) ressaltou nesta quarta-feira (2) que a sociedade brasileira espera que os parlamentares que integram o Conselho de Ética da Câmara decidam instaurar o processo disciplinar por quebra de decoro parlamentar para investigar as denúncias contra o presidente daquela Casa, deputado Eduardo Cunha (PMDB-DF). “As denúncias contra ele são gravíssimas e têm que ser investigadas. É isso que a

sociedade quer e o que meu partido defende”, enfatizou a parlamentar. Fátima considera que a Câmara dos Deputados não pode continuar sendo presidida por um parlamentar contra o qual pesem acusações tão graves apresentadas pelo Ministério Público. “É inaceitável, portanto, que o Conselho de Ética **dê as costas** para a sociedade”, disse Fátima. 02/12/2015. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2015/12/02/conselho-de-etica-nao-pode-dar-as-costas-ao-que-deseja-a-sociedade-diz-senadora/>>. Acesso em: 10/12/2015.

Ex. 4: dourar a pílula

O uso desta expressão foi muito comum nos anos 60 e 70 no contexto do movimento musical, comportamental e de moda da Jovem Guarda, entretanto, seu surgimento é muito mais antigo.²⁹ O DHPB registra esta expressão com o significado de “Apresentar, sob aspecto favorável, algo desagradável”. Com este significado, a expressão foi usada pelo Frei Vicente de Salvador no século XVII.

Dourar a **pílula**
Apresentar, sob aspecto favorável, algo desagradável.
[...] e versado em alguns lugares da Sagrada Escripura, com os quaes entendidos a seu modo **dourava as pírolas**, e encobria o veneno aos que o ouvião, e vião morder algumas vezes na autoridade do Summo Pontifice, no uso dos Sacramentos, no valor das Indulgencias, e em a veneração das Imagens. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627]. LIVRO TERCEIRO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU THOMÉ DE SOUZA ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR MANOEL TELLES BARRETO - CAPITULO DECIMO SEGUNDO - DE COMO O GOVERNADOR MEN DE SÁ TORNOU AO RIO DE JANEIRO, E FUNDOU NELLE A CIDADE DE S. SEBASTIÃO, E DO MAIS QUE LÁ FEZ ATHE TORNAR Á BAHIA [A00_2022 p. 80].

Atualmente, embora não seja usual atualmente no PB, é possível ainda encontrar usos com o mesmo significado, o de apresentar, sob aspecto favorável, algo desagradável, como no contexto que transcrevemos abaixo em que a economista Miriam Leitão usa a expressão **dourar a pílula** em sua análise sobre o escândalo da Petrobrás.

10. É preferível a verdade, mesmo dura, a **dourar a pílula**. Se a Petrobras apresentasse um número pequeno para as perdas, o resultado não seria crível para o mercado. O balanço da companhia foi aprovado sem ressalvas pela auditoria independente, um ótimo sinal. Miriam Leitão. 23/04/2015. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/petrobras-preferiu-verdade-dourar-pilula-565409.html>>. Acesso em: 10/12/2015.

29 Não temos neste texto o objetivo de discorrer sobre as origens das expressões idiomáticas aqui tratadas, porém, neste caso especificamente, parece-nos pertinente observar que essa expressão surge, segundo algumas hipóteses, no final do primeiro milênio da era cristã quando o médico persa Rhazés, teve a ideia de revestir remédios sólidos ou pílulas, para que fossem mais facilmente ingeridos. Dessa forma, essa substância envolvia a pílula, tornando-a mais doce e fácil de engolir. (<http://www.significados.com.br/dourar-a-pilula/>). Posteriormente, da ideia literal de embrulhar o remédio para tornar mais fácil para engolir, surgiu a metáfora de tentar fazer algo ruim parecer aceitável.

Ex. 5: falar aos cotovelos

Esta expressão é muito comum e usual no PB atual com o significado de ‘falar muito’. O DHPB a registra com uso no século XVIII com o mesmo significado, conforme observamos nos contextos abaixo do DHPB e do PB atual, respectivamente. Entretanto, no uso atual, a contração no plural ‘aos’ foi substituída pela contração, também no plural, ‘pelos’. Em rápida pesquisa no buscador *Google*, pudemos observar que no primeiro caso – **falar aos cotovelos** – possui poucas ocorrências e, em geral, em contextos de metalinguagem, ou seja, em dicionários, em artigos que analisam a própria língua, em divulgação de livros etc., contrariamente ao segundo – **falar pelos cotovelos** – que possui alta frequência em contextos de usos gerais da língua, jornais, revistas, blogs etc.

Falar aos cotovelos
Falar muito.
[...] e os meus opositos acreditarám ouvindo a Bernardo de Silveira, e ao seu Patrão, que em Lisboa fallarám the aos cotovelos, e diram que nesta Capitania digo Companhia dos Diamantes andão de meu consentimento trabalhando settecentos Negros [...]. GOMES FREIRE DE ANDRADE E RAPHAEL PIRES PARDINHO (1964) [1740], DOCUMENTO V. RESPOSTA DAS DUAS CARTAS SUPRA [A00_1446 p. 135].

11. Ministro do TCU **falou pelos cotovelos** e fechou pacto com a velha mídia. 05/10/2015. Disponível em: <<http://www.esmaelmorais.com.br/2015/10/ministro-do-tcu-falou-pelos-cotovelos-e-fechou-pacto-com-a-velha-midia/>>. Acesso em: 15/10/2015.

Ex. 6: fazer das tripas coração

Esta é outra expressão também muito frequente no PB atual e registrada no DHPB. Este dicionário apresenta como significado “tirar ânimo da fraqueza; encher-se de coragem”, usada pelo Pe. João Daniel no século XVIII, e comum no PB atual, como podemos observar nos exemplos abaixo:

Fazer das tripas coração
Tirar ânimo da fraqueza; encher-se de coragem.
Vendo-se nesta consternação o religioso doente, tirando forças da fraqueza, e fazendo das tripas coração, se foi arrastando como pôde com uma arma para o canto da igreja [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE SEGUNDA - CAP. 5º - DA INGRATIDÃO DOS ÍNDIOS [A00_1836 p. 220].

12. Sem poder usar a sua principal pauta-bomba resta a Cunha **fazer das tripas coração** para não virar pauta-bomba e ir pelos ares ainda em 2015. 14/10/15. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2015/10/dia-de-luto-no-leblon/>>. Aceso em: 10/12/2015.

Ex. 7: fazer pacto com o demônio

Também frequente no PB atual, a expressão **fazer pacto com o demônio** é registrada no DHPB com uso constatado no início do século XVIII em texto de Dom Sebastião Monteyro da Vide.

Fazer **pacto** com o demônio
Contratar com o diabo uma pretendida convenção, pela qual conceda riqueza e poder, durante um certo tempo, no fim do qual se apossava daquele com quem tinha feito o **pacto**.
Fazer pacto com o Demonio contém em si grave malícia, affim pela inimidade, que Deos no principio do mundo poz entre elle, & os homens, como tambem porque he fazer concerto com hum inimigo de Deos. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707], LIVRO QUINTO DAS CONTITUIÇOENS DO ARCEBISPADO DA BAHIA [A00_2466-007 p. 338].

O significado registrado no século XVIII pelo DHPB³⁰ mantém-se, de certa forma, no uso do PB atual. Entretanto, a figura do demônio na atualidade estende-se a todo e qualquer inimigo com o qual alguém se alia a fim de conseguir algum benefício ou poder. No contexto apresentado no DHPB a expressão é mais literal, ou seja, fazer pacto com o demônio. Entretanto, não se exclui o significado mais geral de fazer pacto com o mal, representado pela figura do demônio, pois todo e qualquer tipo de ‘feitiçaria’, ‘sortilégio’ e ‘adivinhações’ era condenado pela Inquisição. No caso do contexto abaixo (Ex. 13), o ex-Presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso usa essa expressão, segundo o jornal citado, ao se referir a atual Presidente Dilma Rousseff:

- 13.** Dilma tenta **pacto com o demônio** para salvar governo, diz FHC. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/09/1686236-dilma-tenta-pacto-com-o-demonio-para-salvar-governo-diz-fhc.shtml>>. Acesso em: 10/11/2015.

Ex. 8: meter a mão na consciência

Esta expressão, com uso registrado no DHPB já no século XVII em sermões do Pe. Antonio Vieira, consiste em um exemplo de possíveis variações que podem ocorrer ao longo do tempo no uso da língua. Formada a partir do verbo ‘meter’, a expressão significa consultar a própria consciência e atender o que ela, a consciência, impõe, diz etc. Este significado parece não ter sofrido alterações no uso do PB atual, entretanto, a formação com o verbo ‘meter’ e com o verbo ‘pôr’ não possuem muitas ocorrências no PB, as que encontramos estavam registradas em *sites* com o domínio *.pt*, *.pt-br*. ou

30 No banco de dados do DHPB há o registro desta expressão com o verbo ‘tratar’ – **Trato com o demônio** – em textos do Pe. Vieira de 1605.

referente a Moçambique. Ou seja, estes usos parecem ser mais comuns nas variantes europeia e africana da língua portuguesa.

No PB atual, talvez pelo fato de o verbo ‘meter’ possuir certa carga semântica relacionada ao contexto da sexualidade, não é usual na formação desta expressão. O mais comum, pelos contextos que pudemos observar, é a formação com os verbos ‘pôr’ e ‘colocar’, com maior frequência em *sites* com domínio *.br* para a formação com o verbo ‘colocar’.

Meter a mão na **consciência**
Consultá-la, atender o que ela dita.

Metta cada um **a mão na consciência**, e se acharmos que os peccados porque Deus nos castiga continuam, e não ha emenda, entendamos que não só tem soccorro o inimigo, mas tão poderoso e invencível que o não poderemos contrastar. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1638], *SERMÃO DA SANTA CRUZ* [A00_0927 p. 14].

14. Tem que **colocar a mão na consciência**. A gente pagou um mico aqui hoje – desabafou Mattis na saída do gramado. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vitoria/noticia/2015/11/mattis-classifica-derrota-como-mico-colocar-mao-na-consciencia.html>>. Acesso em: 22/12/2015.

15. Salientou ainda, que muitos partidos que pregam a saída da presidente, são os que se utilizam de espaços, no mesmo governo, se aproveitam, são os vão em caravana para Brasília para conseguir suas reivindicações, e depois vão até às rádios de suas regiões apresentar os avanços conquistados. "Estes partidos deveriam **colocar a mão na consciência**". Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/Default.aspx?IdMateria=301448>>. Acesso em: 22/12/2015.

16. Não estou pedindo para você **pôr a mão na consciência** porque acho que você já sabe das coisas, mas para pôr a mão na massa e mudar a realidade a partir da consciência que já tem. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/trip/diga-nao-as-drogas-do-alemao>>. Acesso em: 22/12/2015.

Registramos, também, com poucas ocorrências, o uso com o verbo ‘botar’ – **botar a mão na consciência** – e com o verbo elíptico - **mão na consciência**. Embora não sejam frequentes esses usos, podem sinalizar para uma mudança nestas formações. No *corpus* usado para a elaboração do DHPB as ocorrências são sempre com o verbo ‘meter’.

17. Pinato pede a deputados 'mão na consciência' para poder apurar a verdade no caso Cunha. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/brasil/pinato-pede-a-deputados-mao-na-consciencia-para-poder-apurar-a-verdade-no-caso-cunha-assista-01122015>>. Acesso em: 20/12/2015.

Ex. 9: pagar o pato

Esta expressão tem uso bastante frequente no atual contexto político brasileiro. Há um movimento contra o governo federal liderado por Paulo Skaf, empresário e presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) que se intitula “Não vamos pagar o pato”. Esse movimento se diz contra as reformas do governo, sobretudo com relação ao aumento de impostos. Como esse movimento está na mídia, a população brasileira tem recebido muitas notícias sobre o tema e a expressão ganha espaço no cotidiano dos brasileiros.

O DHPB, no entanto, já registra o uso dessa expressão com o mesmo significado – arcar com as consequências de algo que não fez – na metade do século XVIII em textos do Pe. João Daniel.

Pagar o pato
Arcar com as consequências de algo que não fez.
[...] sempre os inimigos encontram algumas com gente, especialmente mulheres, e meninos, que não podem fugir, e não só ficam prisioneiros, mas ordinariamente pagam o pato, porque ficam objecto da ira, e vingança dos inimigos. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE SEGUNDA - CAP. 9º - DAS GUERRAS DOS ÍNDIOS DO RIO AMAZONAS [A00_1840 p. 235].

Como observamos acima, o atual contexto político-econômico brasileiro tem sido bastante motivador para o uso desta expressão, como podemos observar nos contextos abaixo:

18. Levy diz que economia pode 'pagar o pato' em caso de impeachment. Educaro Cucolo e Valdo Cruz. 18/12/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/12/1720693-levy-diz-que-economia-pode-pagar-o-pato-em-caso-de-impeachment.shtml>>. Acesso em: 20/12/2015.

19. Skaf lança campanha 'Não vou pagar o pato' em frente ao Congresso. Ricardo Brito. 01/10/15. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,skaf-lanca-campanha-nao-vou-pagar-o-pato-em-frente-ao-congresso,1772658>>. Acesso em: 15/12/2015.

Ex. 10: virar a casaca

Esta expressão encontra-se registrada no DHPB com o significado de ‘mudar de posição ou opinião’, ou seja, alguém ser de uma dada opinião e por certa conveniência mudar essa opinião para atender a outros propósitos. O DHPB registrou a ocorrência deste significado no século XVIII, conforme observamos abaixo:

Virar a **casaca**
Mudar de posição ou opinião.
Se os desafeiçoados, afinando a sua crítica, disserem que com alteração do preço dos gêneros poderão os habitantes das Minas mudar de condição, abstando-se de luxos e profusão e finalmente **virando as casacas**, se responde com o já ponderado método da Casa da Moeda [...]. CAETANO DA COSTA MATOSO (1999) [1751], 62 - [PARECER CONTRA A CAPITAÇÃO E AS CASAS DE FUNDIÇÃO E PELA IMPOSIÇÃO [A00_0978 p. 551].

Pelo que pudemos observar nos contextos analisados do PB atual, a expressão é ainda usada com o mesmo significado registrado pelo DHPB, como no contexto 20.

20. Fla-Flu: Osvaldo tenta fazer o amigo Wesley Safadão **virar a casaca**. 14/12/2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2015/12/fla-flu-osvaldo-tenta-fazer-o-amigo-wesley-safadao-virar-casaca.html>>. Acesso em: 20/12/2015.

A modo de conclusão

Assim, *olhar* para o Dicionário Histórico do Português Brasileiro – séculos XVI, XVII e XVIII, bem como para o *corpus* que serviu de base para sua elaboração, a partir do ponto de vista da Fraseologia é um rico e promissor campo para a descrição e a análise da História do Português do Brasil.

O DHPB entendeu e registrou os fraseologismos a partir desse sentido *latu sensu* da Fraseologia no qual se inserem todo tipo de expressões com duas ou mais palavras, desde palavras compostas e complexas, passando por adágios, refrões, frases feitas, unidades terminológicas, expressões idiomáticas etc., razão pela qual seguimos esse mesmo critério para a seleção das unidades analisadas.

Nos casos analisados, embora poucos exemplos, pudemos observar que o Português do Brasil atual possui muito de seus três primeiros séculos de vida. Observamos que houve, ao longo desses quinhentos anos do Português do Brasil, alguns casos de alteração, restrição e/ou ampliação de significado, de alternância entre

diferentes formas, mas também pudemos observar, em contextos muito recentes (2014, 2015) usos tais como se usavam nos séculos XVI, XVII e XVIII que comprovam, para além da relevância do DHPB para a História do Brasil, de nossa língua e de nossa cultura, o quão viva é a fraseologia de uma língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa, Maria Aparecida. 2012. Fraseologia e linguagens: a fraseologia na literatura e no discurso publicitário. In: Isquierdo, A. N.; Seabra, M. C. T. C. de. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande - MS: Editora UFMS. v. VI, p. 489-497.

Bevilacqua, Cleci Regina. 1996. *A fraseologia jurídico-ambiental*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Corpas Pastor, Gloria. 1996. *Manual de Fraseología Española*. Madrid: Gredos.

Le Bars Poupet, Armelle; Xatara, Cláudia. 2012. (dir.). *Cahiers de lexicologie. Dynamique de la recherche en lexicologie, lexicographie et terminologie au Brésil*. Paris: Classiques Garnier.

Molina García, Daniel. 2006. *Fraseología bilingüe. Un enfoque lexicográfico-pedagógico*. Granada: Comares.

Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo. 2014. Conhecendo o Dicionário Histórico do Português do Brasil - Séculos XVI, XVII e XVIII sua história e metodologia. In: Isquierdo, A. P.; Mantovani dal Corno, G. O. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.. 1ed.b*Campo Grande - MS: Editora UFMS. V. VII, p. 267-284.

Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo. 2015. Opções e soluções metodológicas na construção do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII. In: Parreira, M. C. et. al. *Pesquisas em Linguística no século XXI: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos*. São Paulo: Cultura Acadêmica. Série Trilhas Linguísticas nº 27, p. 159-179.

Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo. 2013. Vocabulário das enfermidades em documento do Brasil Colonial: o relato de Prodígiosa Lagoa (1749). In: Murakawa, C. de A. A.; Nadin, O. L. (Orgs.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica. Série Trilhas Linguísticas nº 22, p. 83-101.

Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo; Nadin, Odair Luiz. (Orgs.). 2013. *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica. Série Trilhas Linguísticas nº 22, p. 83-101.

Ortiz Álvarez, Maria Luisa; Huelva Unternbäumen, Enrique. (Orgs.). 2011. *Uma (Re)Visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas*. Campinas: Pontes Editora.

Ortiz Álvarez, Maria Luisa; Huelva Unternbäumen, Enrique. Apresentação. In: Ortiz Álvarez, M. L.; Huelva Unternbäumen, E. (Orgs.). 2011. *Uma (Re)Visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas*. Campinas: Pontes Editora, p. 7-23.